

01 1026
148

SETOR DE INDÚSTRIA

INDÚSTRIAS

TRADICIONAIS E ALIMENTÍCIAS

Diagnóstico Preliminar

DA

INDÚSTRIA TÊXTIL

título

Documento interno,
sujeito a revisão e aprovação.
Não poderá ser divulgado ou citado
sem autorização do EPEA.

1PEA
027

Escritório de Pesquisa Econômica Aplicada (EPEA)
Ministério do Planejamento e Coordenação Econômica

Janeiro de 1967

Í N D I C E

	<u>Página</u>
1 - <u>HISTÓRICO</u>	1
2 - <u>A INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA</u>	4
2.1 - <u>Descrição da Indústria</u>	4
a) <u>Posição da Indústria Têxtil na Economia</u>	4
b) <u>Estrutura da Indústria Têxtil</u>	5
c) <u>Composição da Produção e da Mão-de-Obra por Fibra</u>	7
d) <u>Tamanho dos Estabelecimentos</u>	10
e) <u>Índice do Produto Real</u>	11
2.2 - <u>Capacidade de Produção da Indústria</u>	13
a) <u>Composição do Parque de Máquinas</u>	13
b) <u>Características Tecnológicas do Equipamento</u>	17
c) <u>Idade do Equipamento</u>	19
d) <u>Rendimento da Maquinaria</u>	20
e) <u>Utilização do Equipamento</u>	21
f) <u>Reequipamento da Indústria Têxtil</u>	22
2.3 - <u>Financiamento da Indústria</u>	32
a) <u>Financiamento Governamental</u>	32
b) <u>Esfôrco do Setor Têxtil - 1962/63</u>	32
2.4 - <u>Mercado</u>	37
a) <u>Consumo de Têxteis</u>	37
b) <u>Exportação e Perspectivas</u>	44
c) <u>Mercado Mundial</u>	45
2.5 - <u>Fatores de Produção</u>	55
2.5.1 - <u>Matérias-Primas</u>	55
a) <u>Algodão</u>	56
b) <u>Rami</u>	56
c) <u>Juta</u>	57
d) <u>Lã</u>	62
e) <u>Fibras Artificiais</u>	63
2.5.2 - <u>Mão-de-Obra</u>	64
a) <u>Administração Superior</u>	64
b) <u>Mão-de-Obra Direta</u>	65
2.6 - <u>Produção</u>	66
a) <u>Produção Física e Respectivo Valor</u>	66
b) <u>Capacidade de Produção</u>	68
c) <u>Concentração</u>	71
3 - <u>CONCLUSÕES</u>	72

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO
ESCRITÓRIO DE PESQUISA
ECONÔMICA APLICADA
F. (EPEA)
N.º 1182
Data 26 / 5 / 67

1 - HISTÓRICO (x)

Por sugestão de José da Silva Lisboa, D. João VI havia assinado a Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, assegurando a liberdade de manufaturar no Brasil e, para incentivar a atividade industrial, isentava de impostos as matérias-primas processadas no país. Talvez como influência da medida, tivesse surgido a primeira fábrica têxtil, em Vila Rica, em 1814.

Esta fase teve curta duração. O impôsto de 15%, fixado em 1828, era insuficiente para proteger a incipiente indústria contra a entrada de produtos da Inglaterra e França. Assim, as indústrias que surgiram no período colonial não puderam se manter e prosperar e, aos primeiros anos de nossa independência, contávamos somente com 5 pequenas fábricas de tecidos das 12 antes existentes.

Em 1844, foi fixada uma tarifa aduaneira suficientemente e levada para permitir a implantação de mais duas fábricas de tecidos. Em 1860, a tarifa média de 30% permitiu a expansão do número de indústrias e, em 1864, contávamos com 20 unidades distribuídas entre as províncias da Bahia (7) e São Paulo (5), Rio de Janeiro (5), Pernambuco (1), Maranhão (1) e Minas Gerais (1), com um total de 14 875 fusos e 385 teares.

Em 1881, existiam no Brasil 44 fábricas com 60 419 fusos e 5 000 operários. O grande surto de progresso, todavia, registrou-se na década de 1880/90, decrescendo em 1890/1902, sob pressão de dificuldades econômicas, sociais e políticas, mormente com a política econômica existente no período 1898/1902, que desestimulou as atividades industriais, quando já existiam 115 fábricas de tecidos.

A elevação das tarifas alfandegárias e a manutenção da ordem financeira possibilitaram período relativamente longo de crescimento, que se estendeu de 1905 a 1913. À euforia do crescimento, todavia, seguiu-se uma crise, em 1913, decorrente da superprodução das 286 fábricas que supriam um mercado de 20 milhões de pessoas. Para esta expansão do setor contribuíram as elevadas tarifas protecionistas que, estimulando a produção interna, canalizavam capitais originários da lavoura, principalmente do café. Esses recursos, desta forma, possibilitavam a aquisição de equipamento estrangeiro, aumentando continuamente nosso parque industrial. De outro lado, contribuiu também o crescimento da população urbana que, a par com o mercado para os produtos têxteis, fornecia mão-de-obra barata, embora sem qualificação.

(x) - Extraído de "Desenvolvimento e Conjuntura", Ed. Especial, Seminário para o Desenvolvimento do Nordeste, Paschoal Marchetti 1959.

O início da I Guerra Mundial encontrou o parque têxtil brasileiro com 1,5 milhão de fusos distribuídos entre 202 fábricas que empregavam 78 186 operários, com uma produção de aproximadamente 470 milhões de metros de tecidos. O isolamento decorrente da guerra contribuiu para impulsionar as atividades industriais do país, datando dessa época a instalação das tecelagens de juta, sêda e casimira.

No período 1920/1925, a indústria têxtil caracterizou-se pela melhoria na técnica de produção, surgindo os fios da torção especial para malharia, tricoline e zéfires, as primeiras fábricas de viscosa e o uso do tecido misto.

A partir de 1925, a indústria começou a sentir os indícios da crise que se esboçava e, em 1928, pensou-se em impedir a importação de equipamento têxtil que, no período 1926/30, totalizou Cr\$ 280 milhões. A economia do país vivia em função das exportações e se baseava na prosperidade da monocultura do café, cujo mercado decresceu sensivelmente, a partir de 1929.

A diminuição do poder aquisitivo da massa, decorrente da queda do preço do café, acarretou um excedente de 600 milhões de metros. Foram feitos grandes cortes na produção de tecidos, o que ocasionou a dispensa de grande massa de operários. Por outro lado, os compromissos em moeda estrangeira decorrentes da importação de equipamento pressionavam ainda mais a indústria têxtil. Em 1930, a situação atingiu o auge com o fechamento de muitas fábricas e grande número de concordatas.

O lento e árduo processo de recuperação teve início, logo depois, mas só no comêço da II Grande Guerra, quando os tecidos brasileiros foram exportados em grandes quantidades para os países sul-americanos e africanos e, em menor quantidade, para outros continentes. Para atender à exportação de 200 milhões de metros e um consumo interno de 900 milhões, que ia além de sua capacidade normal de produção, as fábricas eram obrigadas a trabalhar em dois e três turnos.

Em 1940, nosso consumo interno era de 900 milhões de metros, representando um consumo per capita de 17,5 metros, quase idêntico ao de 1929 (17,3 metros). Essas quantidades estavam muito abaixo das consumidas nos países mais adiantados que, em 1929, ficaram entre 30 e 38 metros, e ínfimo em relação aos Estados Unidos, que consumiam 58,5 metros per capita na mesma época. Em 1941, a produção de tecidos atingiu 1,6 bilhões de metros, e o Brasil colocou-se, então, em segundo lugar na produção mundial.

Terminada a II Guerra Mundial, esperava-se exportar até 1951, devido o acúmulo de pedidos. A fim de suprir o mercado interno, todavia, as exportações foram praticamente proibidas. Por outro lado, nossos preços excediam em 25% os dos Estados Unidos e, com a recuperação da capacidade produtiva dos países europeus, perdemos grande parte dos nossos mercados de exportação. A partir daí, a indústria têxtil tem vivido quase que exclusivamente do mercado interno, atravessando sucessivas crises.

2 - A INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA

2.1 - Descrição da Indústria

A fim de dar uma visão global da Indústria Têxtil brasileira, far-se-á uma descrição secundária, destacando-se a participação do setor da Indústria de Transformação, em termos de mão-de-obra, valor adicionado e valor de produção, bem como a posição do setor com relação a outras atividades econômicas, através do consumo de matérias-primas e pagamentos de impostos.

a) Posição da Indústria Têxtil na Economia

A indústria têxtil é a fonte mais importante de emprego industrial, ocupando cerca de 340 000 pessoas de um total de 1,9 milhões empregadas na indústria de transformação, ou seja, 18% do total. Igualmente, os salários pagos pela indústria têxtil, que, em 1964, alcançaram cerca de 221 bilhões de cruzeiros, representam uma parcela substancial - aproximadamente 13% - do total dos salários e vencimentos pagos pela indústria manufatureira. O valor adicionado do setor têxtil, por sua vez foi de 757 bilhões de cruzeiros, representando, portanto, elevada proporção dos 6,600 bilhões de cruzeiros registrados para a indústria de transformação como um todo. Levando-se em conta que a indústria de transformação contribui com mais de 25 por cento da renda nacional, a indústria têxtil, que representa 11 por cento do valor adicionado da indústria manufatureira, participa com cerca de 3 por cento da renda nacional.

A evolução da indústria têxtil mostra, nos últimos dez anos, uma tendência de crescimento a um ritmo inferior ao da indústria de transformação em conjunto e, em consequência, tem-se reduzido progressivamente sua participação em relação aos anos anteriores. Essa perda de posição relativa é geral e demonstrada tomando por base os níveis de emprego, salários e vencimentos, valor adicionado e valor de transformação. Por exemplo, o emprego no setor industrial têxtil, embora ainda represente uma proporção significativa (é o mais importante setor, em termos de emprego), sofreu acentuada redução relativa, comparado com o de 1949, quando cerca de 25 por cento do pessoal ocupado no conjunto da indústria de transformação trabalhavam neste setor. Igualmente, a proporção dos salários e vencimentos pagos baixou de 27 por cento (?), em 1949, para 21 por cento (?), em 1959, e

13 por cento, em 1964, e o valor adicionado passou de 20 por cento (?), em 1949, para 14 por cento, em 1959, para finalmente atingir menos de 12 por cento, em 1964. Utilizando-se o índice do produto real (1953=100) para comparar o crescimento do setor têxtil frente à indústria de transformação, observa-se a defasagem em que se encontra a indústria têxtil (1964=188) em comparação com o setor manufatureiro (1964=249). A conjuntura desfavorável para a indústria têxtil reflete-se também nos seus preços, que subiram a um ritmo bem inferior ao dos preços em geral, e, em consequência, seus lucros.

As compras de matérias-primas e outros materiais realizados pela indústria têxtil representam um estímulo essencial para a atividade de outros setores da economia, especialmente a agricultura. Nos últimos anos, foram adquiridas pelo setor, em média, 250 000 toneladas anuais de algodão, representando um mercado de mais de 60 por cento da produção nacional dessa fibra, o que significa, em termos de emprego na agricultura, um efetivo estimado em mais de meio milhão de pessoas ocupadas. Igualmente importante é o setor industrial têxtil como mercado para outras matérias-primas naturais, como a lã e a juta, e artificiais e sintéticas, como o rayon e o nylon.

b) Estrutura da Indústria Têxtil

O setor têxtil compreende subgrupos de transformação industrial: beneficiamento e preparação de fibras para fins têxteis; fiação, tecelagem e acabamento de algodão, lã, fibras artificiais e sintéticas, juta e fibras similares, linho e rami, sêda natural; indústria de malharia, meias e tecidos de ponto em geral; indústria de artigos de passamanaria, fitas, filós, feltros, rendas e bordados; indústria de cordoalhas, de estôpa, de tapetes, de linhas para coser e bordar; indústria de rês de dormir e para pesca, além de algumas outras especialidades têxteis.

Compõe-se, em seu conjunto, de cerca de 4 000 estabelecimentos de todos os tamanhos, nêles incluídos aproximadamente 1 200 estabelecimentos artesanais e semi-artesanais e que empregam menos de cinco pessoas, dentre êstes cerca de 700 artesanatos nordestinos que produzem rendas e rês de dormir com uma produção anual inferior a 0,05 por cento do valor total da produção. O quadro I mostra a participação relativa dos vários subgrupos no total da indústria têxtil brasileira, excluindo-se os artesanatos (estabelecimentos com menos de 5 pessoas ocupadas).

QUADRO I

PARTICIPAÇÃO DOS SUBGRUPOS NO TOTAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL

- 1958 -

	ESTABELECI MENTOS		OPERÁRIOS (MÉDIA MENSAL)		VALOR ADICIONADO	
	Nº	%	Nº	%	Cr\$ Milhões	%
Beneficiamento e prepara ção de fibras	683	23,8	9 988	3,2	3 217,4	7,3
Fiação, tecelagem e aca- bamento	1 336	46,6	240 619	77,5	36 589,5	83,3
Malharia e meias	498	17,6	19 098	6,1	2 648,5	6,0
Outros (*)	353	12,2	40 919	13,2	1 464,5	3,4
T O T A L		100,0	310 624	100,0	43 919,9	100,0

FONTE: IBGE - P. Industrial Brasileira - 1958

(*) - Fabricação de passamanaria, fitas, filós, feltros e artefatos de tecidos processados nas fiações e tecelagens.

O setor de fiação, tecelagem e acabamento compreende as fiações, tecelagem, estamparias, tinturarias de fios e tecidos e outras seções de acabamento, inclusive as que dão tratamento final e embalam linhas para coser e bordar. É o setor preponderante da indústria têxtil, onde se encontram cêrca de 47% em estabelecimentos e 78% da mão-de-obra, e que contribui com mais de 80% do valor adicionado na produção.

Em segundo lugar, vem a indústria de malharia e meias, participando com 17% do número de estabelecimentos, cêrca de 6% do número de operários e 6% de valor adicionado.

O ramo de beneficiamento e preparação de fibras, oficialmente enquadrado neste setor de transformação, apesar de seu caráter de indústria rural, compreende o descaroçamento de algodão e preparo das demais fibras para fins têxteis, inclusive o tratamento de pêlos e crinas e outras fibras de origem animal, bem como a recuperação de resíduos para fins industriais. Engloba cêrca de 683 estabelecimentos (21% do total), porém ocupa apenas 3% do operariado total, e o valor adicionado na produção corresponde a 7% do total.

No quadro (II) seguinte mostra-se a distribuição dos ramos têxteis segundo os respectivos valores adicionados de acordo com a importância relativa de cada um nos diversos Estados maiores produtores.

Nota-se a acentuada participação relativa do ramo de fiação, tecelagem e acabamento; no ramo de preparação e beneficiamento, sobressaem-se os Estados do Nordeste e o de São Paulo. Em malharia e meias, destaca-se o Estado de Santa Catarina, que alcança a maior participação, com 22 por cento do valor adicionado total deste ramo industrial. As demais especialidades têxteis têm uma participação relativamente secundária no conjunto da indústria, exceto no Estado do Rio de Janeiro, em que a fabricação de passamanarias, rendas, feltros, filós e outros tecidos especiais é responsável por cerca de 19 por cento do respectivo valor adicionado.

c) Composição da Produção e da Mão-de-Obra, por Fibras

A deficiência de dados estatísticos atualizados de produção física não permite a quantificação exata no volume produzido na indústria de fiação e tecelagem nos últimos anos. Depois de 1958 - ano para o qual existem dados desagregados por fibras - só existem dados de produção física para 1960 estimados pela CEPAL. Para esse ano, estimou esse órgão a produção nacional em 275 000 toneladas de fios e 260 000 toneladas de tecidos.

A distribuição percentual da mão-de-obra e da quantidade de fios e de tecidos produzidos segundo a fibra, exclusiva ou predominante, é a que se mostra abaixo.

QUADRO II

COMPOSIÇÃO DA PRODUÇÃO E DA MÃO-DE-OBRA, POR FIBRAS

- 1960 -

F I B R A S	COMPOSIÇÃO PERCENTUAL			
	F i a ç ã o		T e c e l a g e m	
	Operários	Volume da Produção	Operários	Volume da Produção
Algodão	74,7	69,7	68,5	73,7
Lã	14,6	7,8	8,0	3,4
Artificiais e Sintéticos	1,9	1,6	15,6	9,8
Juta	6,1	18,9	5,7	11,7
Linho e Rami	2,7	2,0	2,2	1,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: CEPAL

Quanto à estrutura da produção nos diversos Estados, tem-se que, em Minas Gerais, Santa Catarina e nos Estados do Nordeste, a produção é quase exclusivamente de fios e de tecidos de algodão; no Rio-Guanabara também, a maior proporção da indústria têxtil dedica-se a essa fibra embora, em proporções bem menores, exista também a produção de artigos de lã, fibras artificiais e sintéticas e juta, enquanto, no Rio Grande do Sul, predomina a produção de lã. De todos os Estados, São Paulo é o que tem uma indústria de fiação e tecelagem mais diversificada, embora também predomine aí o setor de algodão.

Em termos de mão-de-obra direta ocupada por fibra e por Estado, o quadro seguinte mostra que, em São Paulo, está concentrado o maior contingente da mão-de-obra ocupada no conjunto de fiação e tecelagem, seguindo-se Rio, Guanabara e Minas Gerais e, com participações menores, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Note-se, todavia, que, em termos regionais, a indústria do algodão constitui a atividade têxtil menos concentrada, pois, enquanto todos os demais subgrupos têxteis estão localizados quase exclusivamente no Estado de São Paulo, a indústria de algodão reparte-se em proporções mais equilibradas entre aquele Estado e os de Minas Gerais e Rio-Guanabara, cabendo a Santa Catarina e Rio Grande do Sul participações menores, conforme mostra o mesmo quadro, a seguir.

QUADRO III
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA MÃO-DE-OBRA
POR FIBRA E POR ESTADO

(Composição Percentual por Estado)

F I B R A S	RIO-GB	M.GERAIS	R.G.SUL	S.CATARINA	S.PAULO	TOTAL
Algodão	86,2	99,6	12,6	100,0	57,4	71,3
Lã	4,5	0,1	63,1	-	16,7	11,3
Artificiais e Sintéticos	2,8	0,3	5,9	-	15,2	9,0
Juta	4,8	-	15,0	-	6,9	6,0
Linho e Rami	1,7	-	3,4	-	3,8	2,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Composição Percentual por Fibra

Algodão	23,5	20,0	0,5	6,9	49,1	100,0
Lã	9,1	0,1	13,3	-	77,5	100,0
Artificiais e Sintéticos	7,2	0,5	1,5	-	90,8	100,0
Juta	18,5	-	6,0	-	75,5	100,0
Linho e Rami	15,9	-	3,4	-	80,7	100,0
TOTAL	22,8	16,3	2,4	4,9	53,6	100,0

FONTE: Pesquisa direta da CEPAL

d) Tamanho dos Estabelecimentos

O quadro abaixo dá idéia do tamanho médio do estabelecimento têxtil, considerando-se como estabelecimento cada processo de produção, ainda que realizados por diferentes unidades de produção, e que os operários correspondem àqueles diretamente empregados no processo de produção.

QUADRO IV
TAMANHO DO ESTABELECIMENTO

Fases do processo e fibras	Número de operários por estabelecimento					
	São Paulo	Rio-GB	Minas Gerais	Rio Grande do Sul	Santa Catarina	Todos os Estados
<u>Fiação</u>						
Algodão	211	345	136	62	236	210
Lã	233	123	-	218	-	218
Fibras Artificiais e Sintéticas	202	-	-	-	-	202
Juta e Similares	226	162	-	58	-	182
Linho e Rami	167	129	-	78	-	152
Tôdas as Fibras	214	296	136	134	263	207
<u>Tecelagem</u>						
Algodão	70	329	162	43	119	115
Lã	61	63	8	86	-	62
Fibras Artificiais e Sintéticas	52	68	20	30	-	52
Juta e Similares	231	188	-	44	-	178
Linho e Rami	52	47	-	26	-	50
Tôdas as Fibras	66	216	152	51	119	91

FONTE: CEPAL - A Indústria Têxtil do Brasil - I - 1962 - pág. 29

Vê-se que o tamanho médio do estabelecimento no sub-grupo de Fiação é de 207 operários, enquanto que no de Tecelagem é de 91 operários.

O tamanho médio das fiações das diferentes fibras aproxima-se razoavelmente do tamanho médio; entretanto, no que se refere às

tecelagens há uma variação bastante acentuada, desde um tamanho médio de 50, nas tecelagens de linho e rami até 178 operários empregados nas tecelagens de juta e similares.

Com respeito ao tamanho do estabelecimento pelos principais estados produtores, observa-se que, tanto em fiação quanto em tecelagem, o maior estabelecimento médio encontra-se no Rio - Guanabara, empregando 296 e 216 operários, respectivamente. Por sua vez, o menor estabelecimento médio, tanto em fiação quanto em tecelagem, encontra-se no Rio Grande do Sul, empregando, respectivamente, 134 e 51 operários. É de se notar, entretanto, a posição da fiação de lã, cujo estabelecimento médio gaúcho se situa na média do País, empregando 218 operários. Também na parte de tecelagem de lã, a indústria têxtil do Rio Grande do Sul se destaca, sendo o estabelecimento médio (86 operários) o maior do País, e acima da média nacional.

e) Índice do Produto Real

O quadro abaixo mostra o desenvolvimento da indústria têxtil brasileira frente à indústria de transformação. Nota-se a evolução dinâmica do setor têxtil até 1955, em ritmo mais acentuado do que a indústria manufatureira em conjunto; a partir de 1956, começou a perder posição, retardando-se ainda mais no biênio 1956/57. Note-se a posição difícil em que se encontra a indústria em 1963.

QUADRO V
ÍNDICE DO PRODUTO REAL

A N O	INDÚSTRIA TÊXTIL	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO
1947	78	59
1948	82	66
1949	83	73
1950	93	82
1951	90	87
1952	95	91
1953	100	100
1954	118	109
1955	124	121
1956	124	129
1957	109	136
1958	146	159
1959	152	179
1960	166	198
1961	178	220
1962	185	238
1963	180	237
1964	188	249

FONTE: Fundação Getúlio Vargas

2.2 - Capacidade de Produção da Indústria

No presente capítulo, serão analisadas as características técnicas e de operação da indústria de fiação e tecelagem brasileira, compreendendo tôdas as fibras. Entre os aspectos considerados, destacam-se a composição do parque têxtil de acôrdo com o tipo da fibra utilizada, as características técnicas, idade e utilização do equipamento.

Esta análise baseia-se no levantamento feito pela CEPAL com a colaboração dos sindicatos têxteis do Centro-Sul do país, nos setores de fiação e tecelagem, em cuja região se encontram instaladas cerca de 84 por cento e 82 por cento da capacidade de produção do país em fiação e tecelagem, respectivamente. De acôrdo com o levantamento feito pela SUDENE, a capacidade do Nordeste ficaria em tôrno de 15 e 17 por cento, no tocante à fiação e tecelagem, respectivamente, sendo, pois, de pequena importância para esta análise a inclusão dessa região. Não obstante, quando necessário em alguns dos aspectos, será mencionada expressamente a referência do Nordeste.

a) Composição do parque de máquinas

O equipamento da indústria brasileira de fiação e tecelagem para o processamento de algodão, lã, fibras artificiais e sintéticas, juta e linho, em dezembro de 1960, é estimado em 4,3 milhões de fusos e 132 mil teares, o que lhe assegura o primeiro lugar na América Latina e uma posição de destaque no panorama mundial. De acôrdo com os setores de processamento das fibras e composição do parque de máquinas era o seguinte:

QUADRO VI
COMPOSIÇÃO DO PARQUE DE MÁQUINAS - 1960

S E T O R	TEARES	%	FUSOS	%
Algodão	102 760	77,9	3 840 000	89,4
Lã	5 500	4,2	301 900	7,0
Fibras artificiais e sintéticas	17 500	13,3	60 000	1,4
Juta e fibras similares	4 500	3,4	60 000	1,4
Linho e rami	1 600	1,2	33 000	0,8
TOTAL	132 100	100,0	4 294 000	100,0

FONTE: CEPAL - A Indústria Têxtil no Brasil - pág. 82 - Têxto provisório.

A composição da capacidade produtiva mostra um predomínio absoluto do setor de processamento do algodão, o qual representa cerca de 80 por cento dos teares e 90 por cento dos fusos existentes.

Dados do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, de São Paulo estimam um decréscimo tanto no número de fusos como no de teares, como se vê abaixo, em relação a 1960:

F U S O S		T E A R E S	
1960	1964	1961	1964
3 840 000	3 500 000	92 000	94 000

Os elementos da mesma fonte mostram que esse acréscimo líquido de 2 000 teares entre 1961 e 1964 resultaram da entrada de teares (7 000) automáticos e da saída de teares não automáticos, (- 5 000) como se vê:

TEARES ATIVOS

Automáticos		Não Automáticos		Total	
1961	1964	1961	1964	1961	1964
22 000	2 900	7 000	6 500	92 000	94 000

Ao setor de lã correspondem apenas 7 por cento dos fusos e 4 por cento dos teares. O setor de processamento de fibras artificiais e sintéticas, que recebe grande parte da matéria prima diretamente da indústria química, tem apenas pouco mais de 1 por cento dos fusos instalados e cerca de 15 por cento dos teares. A seguir, juta e fibras similares, com pouco mais de 1 por cento dos fusos e cerca de 5 por cento dos teares ocupa posição de relêvo pouco maior do que o setor de processamento de linho e rami, que detém cerca de 1 por cento, tanto para os fusos como para os teares.

Dados recentes do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, de São Paulo, todavia, estimam um decréscimo no par-

que de máquinas têxteis de lã, como segue:

Fusos (Total)		Teares (Total)	
1961	1964	1961	1964
220 000	200 000	4 300	4 300

Nesse caso, então, teria havido diminuição sensível na capacidade de produção, admitindo-se a manutenção do mesmo nível de tecnologia.

Em equipamento, encontra-se a indústria intensamente concentrada na região compreendida pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Guanabara e Minas Gerais, representando ao redor de 80 por cento, tanto para os fusos como para os teares. A Região Nordeste, com 45 por cento dos fusos e teares, respectivamente, vem acima da região compreendendo os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul que representam ao redor de 4 por cento do total dos fusos e teares instalados no país (QUADRO VII).

QUADRO VII
COMPOSIÇÃO REGIONAL DO PARQUE DE MÁQUINAS - 1960

DISTRIBUIÇÃO	Equipamentos instalados em 1960 (a)			
	FUSOS		TEARES	
	1000 unidades	Porcentagem	Unidades	Porcentagem
<u>Segundo Estados</u>	<u>4 294,9</u>	<u>100,0</u>	<u>131860</u>	<u>100,0</u>
São Paulo	1888,1	43,9	60384	45,8
Rio-Guanabara	964,9	22,5	25962	19,7
Minas Gerais	594,0	13,8	17450	13,2
Santa Catarina	105,1	9,4	2500	1,8
Rio Grande do Sul	87,5	2,0	2230	1,6
Nordeste (b)	642,3	14,9	22476	17,1
Outros (c)	13,0	0,5	858	0,8
<u>Segundo fibras</u>	<u>4 294,9</u>	<u>100,0</u>	<u>131860</u>	<u>100,0</u>
Algodão	3840,0	89,4	102760	77,9
Lã	301,9	7,0	5500	4,2
Fibras artificiais e sintéticas	60,0 (d)	1,4	17500	13,3
Juta e similares	60,0	1,4	4500	3,4
Linho e rami				

FONTE: "A Indústria Têxtil do Brasil" - CEPAL, 1962

(a) - São considerados todos os fusos e teares existentes em cada fábrica em condições de funcionar, estivessem ou não ativos.

(b) - Dados relativos ao ano de 1959

(c) - Dados estimados

(d) - Trata-se de fiação de fibras contadas, cujo processo é semelhante ao do algodão e da lã.

b) Características tecnológicas do equipamento

Quanto às características tecnológicas do equipamento, o parque de máquinas têxteis, na parte referente aos fusos de filatório ativos, em 1960, apresentava u'a maioria absoluta de fusos do tipo contínuo (QUADRO VIII) pág. 86

QUADRO VIII
CARACTERÍSTICAS TECNOLÓGICAS DO EQUIPAMENTO

ESTADO	Fusos de filatório ativos em 1960					
	Contínuos	Intermitentes	Total	Contínuos	Intermitentes	Total
	Números Absolutos			Em percentagem do total		
São Paulo	1670704	31286	1701990	92,8	1,8	100,0
Rio-Guanabara	849872	4618	854490	99,5	0,5	100,0
Minas Gerais	531494	-	531494	100,0	-	100,0
Santa Catarina	101990	-	101990	100,0	-	100,0
Rio Grande do Sul	50190	18203	68393	73,4	26,6	100,0
Nordeste	6423306	-	642306	100,0	-	100,0
Total	3846556	54107	3900663	98,6	1,4	100,0

FONTE: "A Indústria Têxtil do Brasil"; CEPAL, 1962

A utilização dos fusos intermitentes está decrescendo, especialmente na indústria do algodão. Nota-se uma percentagem relativamente elevada desses fusos no Rio Grande do Sul, onde predomina a indústria da lã, na qual sua utilização é ainda generalizada.

Nas tecelagens do país, em conjunto, os teares automáticos representam pouco mais de 20 por cento do total instalado.

Novamente, a região compreendida pelos Estados de São Paulo, Rio-Guanabara e Minas Gerais concentra cerca de 75 por cento dos teares automáticos. Em São Paulo, está instalado o maior número desses teares (30 por cento) vindo, em seguida, Rio-Guanabara e Minas Gerais, com 24 e 21 por cento, respectivamente. Dos outros grandes centros produtores, é nos Estados do Nordeste que se encontra a mais baixa proporção de teares automáticos instalados (10 por cento).

QUADRO IX
CARACTERÍSTICAS TECNOLÓGICAS DO EQUIPAMENTO

ESTADO	TEARES ATIVOS EM 1960					
	Mecânicos	Automáticos	Total	Mecânicos	Automáticos	Total
	Números Absolutos			Em percentagem do total		
São Paulo	35894	14876	50770	70,7	29,3	100,0
Rio-Guanabara	17186	5500	22686	75,8	24,2	100,0
Minas Gerais	13209	3602	16811	78,6	21,4	100,0
Santa Catarina	1966	449	2445	81,6	18,4	100,0
R. Grande do Sul	1866	43	1909	97,7	2,3	100,0
Nordeste	20139	2337	22476	89,6	10,4	100,0
Total	90290	26807	117097	77,1	22,9	100,0

FONTE: "A Indústria Têxtil do Brasil"; CEPAL, 1962

Nas tecelagens, o uso de teares de tipo automático está aumentando cada vez mais em todos os países pelas vantagens que oferece em termos de maior capacidade de produção, de menor necessidade de mão-de-obra e de maior uniformidade dos tecidos neles produzidos. Todavia, existem casos em que o uso de teares automáticos pode não se justificar; tal é o caso, quando se trata de tecidos muito "finos" ou de elaboração complexa, em que o uso de teares mecânicos é mais adequado, pois êsses tecidos exigem bastante atenção por parte dos tecelões que, portanto, não podem atender mais que um número reduzido de teares. O mesmo ocorre na fabricação de tecidos de fantasia, feitos em pequenas quantidades, que determinam interrupções frequentes dos teares; também nesse caso não se justificam os tipos automáticos que, devido ao elevado número de paradas inevitáveis trabalhariam com eficiência muito baixa.

c) Idade do Equipamento

O parque de máquinas da indústria têxtil brasileira se caracteriza por um alto grau de obsolescência, fato que contribui de modo marcante para a situação desfavorável em que se encontra a indústria. Nesse estudo, foi feita uma análise minuciosa do obsolescência da maquinaria, nas distintas fases do processo produtivo e de acordo com as principais fibras elaboradas, para os 355 estabelecimentos da região Centro-Sul. As conclusões do referido estudo são resumidas no quadro, a seguir, no que se refere às principais máquinas de produção, isto é, fusos e teares.

QUADRO X
OBSOLETISMO DA MAQUINARIA

Setores	Atualizados %	Reformáveis do total %	Obsoletos %	Total %	Total Unidades
<u>Algodão</u>					
Filatórios	20.8	41.3	37.4	100	2 894 782
Teares	31.5	17.5	51.0	100	71 013
<u>Lã</u>					
Filatórios	51.9	10.0	38.1	100	241 085
Teares	37.8	27.9	34.3	100	4 296
<u>Fibras, Art.e</u>					
<u>Sintéticas</u>					
Filatórios	81.2	5.8	13.0	100	52 908
Teares	21.6	55.3	23.1	100	14 493
<u>Juta</u>					
Filatórios	16.6	-	82.4	100	42 968
Teares	12.2	-	87.7	100	3 484
<u>Linho</u>					
Filatórios	53.8	-	46.2	100	26 614
Teares	36.7	57.2	6.1	100	1 335

FONTE: Desenvolvimento e Conjuntura - Junho, 1962.

Convém notar, como bem observa o estudo da CEPAL, que, ainda que reformáveis, os equipamentos incluídos como tais trabalhavam como o classificado em "obsoletos". Desta forma, ter-se-ia, no caso do setor de algodão, cerca de 80% dos filatórios e, aproximadamente, 68% dos teares realmente obsoletos. Igualmente obsoletas eram as máquinas empregadas das demais fases do processo produtivo, tais como as da preparação para a fiação e preparação para a tecelagem e acabamento de tecido, todas classificadas como de elevado nível de obsoletismo.

O elevado obsoletismo do equipamento e outros fatores refletem a elevada ineficiência com que trabalha o setor industrial têxtil, o que pode ser mensurado pelo baixo rendimento da maquinaria e da produtividade da mão-de-obra.

d) Rendimento da Maquinaria

O rendimento da maquinaria atual, ou seja, a produção por máquina/hora, está muito aquém dos padrões europeus e norte-americanos, e ainda é muito baixo em relação ao que se pode considerar como padrão razoável para as condições de produção da América Latina com máquinas modernas e com nível de eficiência razoável. A investigação demonstrou que a maquinaria existente nas fiações de algodão alcança, em média, uma produção de 14 gramas/hora, que representa apenas 58% do padrão latino-americano e uma percentagem ainda mais baixa em relação aos padrões europeus e norte-americanos. Na tecelagem de algodão, a produção horária da maquinaria alcança apenas 2,93 m por tear/hora, representando 50% do padrão latino-americano. No setor de lã, os índices são igualmente desfavoráveis: 38% da produção teórica por fuso/hora, para a fiação e, para a tecelagem, 56% da produção por tear/hora.

Nos outros ramos da indústria têxtil, o estudo da CEPAL encontrou características da produção semelhante às aquelas apontadas para os ramos de algodão e de lã, influenciando, em todos êles, além do obsoletismo do equipamento, deficiências de organização interna, como causas do baixo aproveitamento do equipamento existente.

Apesar das dificuldades decorrentes da medição da influência do obsoletismo sobre os baixos níveis de rendimento da maquinaria e da mão-de-obra, uma estimativa realizada para a indústria do algodão - que é o setor mais importante do conjunto industrial têxtil brasileiro - mostra que a deficiência de operação pode ser atribuída, aproximadamente, a 1/3 ao obsoletismo do equipamento e que os 2/3 restantes correspondem a um aproveitamento ineficaz desse equipamento, independentemente de sua idade e suas características técnicas, causada por uma defei-

tuosa organização interna. No conceito de organização interna, incluem-se elementos físicos como o equilíbrio da produção, a distribuição das cargas de trabalho, e layout das fábricas e elementos humanos, como a eficiência da administração e a capacitação da mão-de-obra.

e) Utilização do equipamento

A capacidade de produção depende diretamente não só do equipamento disponível e de suas características tecnológicas, mas também do grau de utilização que ao mesmo lhe dá a indústria.

A observação dos dados relativos a 1960 indica que, nesse ano, o equipamento não foi utilizado de maneira uniforme, uma vez que nem tôdas as horas e turnos disponíveis foram aproveitados.

Ainda que a proporção das máquinas ativas em relação às existentes, tanto na fiação quanto na tecelagem, possa ser considerada satisfatória, o número de horas e de turnos trabalhados é algo inferior ao tempo disponível, especialmente, no caso da tecelagem que alcançou apenas 60 por cento dos teares/ano disponíveis por máquina. Explica-se essa utilização baixa não só por fatores legais e institucionais como também pela antiguidade do equipamento que demanda elevada percentagem do tempo disponível para manutenção (QUADRO XI).

QUADRO XI
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE DISPONÍVEL
EM FIAÇÃO E TECELAGEM

DISCRIMINAÇÃO	FIAÇÃO		TECELAGEM	
	Unidades	Índice	Unidades	Índice
Máquinas recenseadas (mil).....	3 383,0	100,00	103	100,00
Máquinas ativas (mil).....	3 258	90,30	95	91,90
Horas/ano disponíveis por máquinas...	6 600	100,00	6 600	100,00
Horas/ano trabalhadas por máquinas...	5 485	83,10	3 936	59,60
Operários no primeiro turno.....	32 757	1,00	45 272	1,00
Operários no segundo turno.....	23 542	0,72	17 329	0,38
Operários no terceiro turno.....	6 475	0,20	2 974	0,06
Total Operários.....	62 774	1,92	65 575	1,44

f) Reequipamento da Indústria Têxtil

A partir de 1947, a indústria têxtil brasileira importou cerca de US\$ 371 milhões de maquinaria (Quadro).

QUADROIMPORTAÇÃO DE MAQUINARIA TÊXTIL

<u>A N O</u>	<u>US\$ MIL (Valor CIF)</u>
1 9 4 7	21,720
1 9 4 8	28,590
1 9 4 9	30,040
1 9 5 0	25,140
1 9 5 1	49,410
1 9 5 2	54,600
1 9 5 3	24,622
1 9 5 4	18,688
1 9 5 5	15,422
1 9 5 6	10,896
1 9 5 7	8,954
1 9 5 8	9,120
1 9 5 9	7,998
1 9 6 0	7,648
1 9 6 1	14,715
1 9 6 2	20,287
1 9 6 3	14,581
1 9 6 4	8,820
<u>T O T A L</u>	<u>371,251</u>

FONTE: CACEX

O volume anual das importações cresceu até 1952, quando atingiu o máximo (US\$ 54,600,000); daí, começou a descer até 1960. No triênio 1961/63 elevou-se à média de US\$ 16 milhões ao ano para, em 1964, cair a níveis bem mais baixos.

A elevação dos níveis de importação no período 1961/63 coincide com os estudos feitos pela CEPAL e pela SUDENE, em que se dá ênfase especial à questão do reequipamento, o que parece sugerir a influência dos referidos estudos nessas importações.

Convém observar que, a partir de 1960 (data em que foi estudada a situação material do parque têxtil brasileiro), a importação de maquinaria têxtil alcançou cerca de US\$ 66 milhões, ou 72,5% do total estimado pela CEPAL para o reequipamento da indústria têxtil nacional, o que representa um esforço muito grande de atualização técnica, no setor de produção.

O Quadro abaixo mostra o custo do programa de reequipamento da indústria têxtil, de acordo com a CEPAL. A parte em cruzeiros está estimada à base da taxa de conversão de Cr\$ 2,200 por US\$ 1,00.

CUSTO ESTIMATIVO DO REEQUIPAMENTO DA INDÚSTRIA TÊXTIL

SETORES	REFORMA		AQUISIÇÃO		CR\$ - US\$	TOTAL US\$
	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000		
a) <u>Centro-Sul</u>						
Algodão.....	72.425.676	3.473,9	127.670.810	48.092,2	108.160,4	159.726,5
Lã.....	881.620	2.387,5	463.420	15.467,7	727,7	18.678,0
Fibras Art.e Sin- téticas & Seda Natural.....	1.781.936	1.524,4	8.605.012	354,7	5.614,6	7.493,7
Linho.....	437.070	-	435.476	2.474,8	439,6	2.946,5
Juta.....	-	168,0	-	11.306,1	-	11.474,1
Subtotal.....	75.526.303	7.649,0	137.174.717	77.691,9	114.974,3	200.318,7
<u>Nordeste</u>						
Algodão.....	9.843.214	529,3	60.290.435	22.584,5	37.910,2	61.024,0
TOTAL GERAL	85.369.516	8.178,3	197.465.152	100.279,9	152.884,5	261.342,7

FONTE: CEPAL

US\$ 1 = CR\$ 2,200

O programa inicial de reequipamento previa recursos da ordem de US\$ 219.800,400, dos quais US\$ 91.218.000 para atender à importação de equipamento estrangeiro e o restante correspondente a equipamento nacional. Todavia, a partir de 1960, foram importados equipamentos no montante de US\$ 66,0 milhões, o que reduziria o montante a importar para US\$ 25,3 milhões.

Na parte correspondente à venda de equipamentos nacionais para a Indústria Têxtil, os elementos disponíveis permitem estimar um montante de CR\$ 10,341 bilhões.

Não foi possível separar as importações do modo a estabelecer diferença entre equipamento para reforma e novo. Por outro lado, como não existem elementos de importação, por região, torna-se impossível deduzir a parte correspondente ao reequipamento da indústria têxtil nordestina.

Enfim, a avaliação da execução do programa de reequipamento da indústria têxtil brasileira, do ponto de vista de aquisição do equipamento permite concluir que, na parte de importação, teria havido uma redução substancial no volume necessário à total reforma do parque. Na parte de equipamento nacional, todavia, o financiamento não tem acelerado o desenvolvimento do programa de reequipamento das empresas.

A influência dessa renovação do parque têxtil ainda não foi avaliada, em termos de melhoria dos níveis de rendimento da maquinaria e de produtividade da mão-de-obra, sendo de admitir, sem dúvida, alguma melhoria nos níveis gerais de produtividade.

FINANCIAMENTO GOVERNAMENTAL

O exame da evolução dos financiamentos concedidos ao setor têxtil pelo Governo mostra que, nos últimos anos, volumes substanciais de recursos têm sido encaminhados à indústria.

Especialmente a partir de 1964, quando entraram em operação alguns Fundos, elevaram-se as somas de financiamentos, tanto para atender as necessidades de reequipamento como também para satisfazer às exigências de capital de trabalho. A expansão do volume de crédito ao setor têxtil decorreu da retração do mercado, a partir de 1963. Não há elementos que mostra, a partir de 1963, como se comportou o auto-financiamento do setor. A hipótese, com base na análise dos elementos disponíveis para 1962 e 1963, para o que poderia ser uma amostra do setor, é que essa capacidade de auto-financiamento decresceu, a partir de 1963, sendo até certo ponto compensada pelos recursos de longo prazo postos à disposição do setor pelo Governo Federal.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Em termos de empréstimos de longo prazo, o setor têxtil recebeu recursos da CREAM e dos vários Fundos recentemente criados. De fato, empenhou-se o setor na obtenção de recursos para se reequipar e atender as necessidades crescentes de capital de giro; dos recursos distribuídos, participou com volume ponderável, e chegando, em alguns Fun

dos, a ser quase pioneiro na apresentação da solicitação, o que mostra o esforço do setor nesse particular.

O Quadro abaixo mostra, a partir de 1962, o volume de recursos de longo prazo recebidos pelo setor têxtil, de acordo com as fontes.

QUADRO
FINANCIAMENTOS DE LONGO PRAZO
(Cr\$ 1.000.000)

FONTES	1962	1963	1964	1965
CREAI	6 151	7 642	11 349	28 720
FUNDECE	- -	- - -	- - -	9 755
FINAME	- -	- - -	- - -	6 890(1)
PIPEME	- -	- - -	- - -	4 952(2)
TOTAL	6 151	7 642	11 349	50 317

(1) De 17.3.65 até agosto de 1966

(2) De 5.3.65 até setembro de 1966.

Nota-se, de início, o reforço, em termos nominais, de cerca de 50 por cento nos níveis de empréstimos concedidos pela CREAM, em 1964, em relação ao ano anterior; em 1965, elevou o nível de financiamento em cerca de 160 por cento, em relação ao ano anterior. Com o objetivo de permitir melhor exame, serão analisadas, individualmente, as fontes.

C R E A I

O montante dos financiamentos concedidos pela CREAM constam, com detalhes, do quadro seguinte, onde se pode analisar a participação da Indústria Têxtil seja com relação ao total financiado pela Carteira, seja na parte destinada especificamente à Indústria.

QUADRO XIII

CREAI - EMPRÉSTIMOS CONCEDIDOS - 1962/1965

(Cr\$ Milhões)

	INDÚSTRIA TÊXTIL (A)	INDÚSTRIA (B)	TOTAL (C)	%	
				A/B	A/C
1962	6.151	37.784	194.935	16,4	3,2
1963	7.642	53.820	308.820	14,2	2,5
1964	11.349	95.391	606.835	11,9	1,9
1965	28.720	113.791 (x)	970.743	25,2	3,0

FONTE: Banco do Brasil S/A - Relatório - 1965

(x) - Inclui empréstimos para investimento

Observa-se que o setor têxtil, a partir de 1962, começou a experimentar uma deterioração em sua posição relativa nos empréstimos concedidos pela CREAM, havendo substancial recuperação em 1965.

A maior atenção dispensada ao setor pela CREAM, em 1965, deve-se às medidas adotadas face à conjuntura desfavorável experimentada pelo setor. Permitiram-se às agências do Banco do Brasil financiamentos suplementares à indústria para aquisição de matéria-prima, autorizando-se o deferimento de empréstimos até o montante de 1/3 do consumo verificado em 1964.

O Quadro abaixo mostra a distribuição dos empréstimos da CREAM entre matéria-prima e instalações, para os anos de 1962/1965.

QUADRO XIV

CREAI - EMPRÉSTIMOS CONCEDIDOS À INDÚSTRIA TÊXTIL - 1962/1965.

(Cr\$ Milhões)

ANOS	TOTAL	MATÉRIA-PRIMA	% S/O TOTAL	INSTALAÇÕES	% S/O TOTAL
1962	6.152	5.786	94	366	6
1963	7.685	7.166	93	519	7
1964	11.405	9.790	86	1.615 (x)	14
1965	19.280	19.083	99	197	1

FONTE: CREAM e Anuário Estatístico do IBGE

(x) Inclusive financiamentos concedidos nos termos do acordo firmado com a AID.

Observa-se a importância da matéria-prima no montante total dos empréstimos da CREAM à Indústria Têxtil, mesmo em 1964, quando a participação relativa desse item baixou para 86% do total (excluída a parcela vinculada ao FUNDECE - Cr\$ 1.545 milhões).

F U N D E C E

O Fundo de Democratização do Capital das Empresas (FUNDECE), órgão criado pelo Decreto número 54.105, de 6/8/64, destina-se a complementar o capital de giro das empresas industriais.

O FUNDECE realizou, em 1965, 329 operações no montante de Cr\$ 36,6 bilhões, tendo sido a CREAL o agente de maior importância, respondendo por aproximadamente 70% do total aplicado. O quadro abaixo mostra o total de empréstimos concedidos em 1965 por todos os agentes financeiros.

Q U A D R O X V

FUNDECE - EMPRÉSTIMOS CONCEDIDOS - 1965

(Cr\$ milhões)

	TOTAL (A)	INDÚSTRIA TÊX- TIL (B)	B/A %
Quantidade	329	70	21
Valor	36 602,4	9 755,0	27

FONTE: FUNDECE - Relatório de 1965

Note-se que a Indústria Têxtil participou de maneira bastante significativa na aplicação dos recursos do FUNDECE, tendo sido o setor industrial mais bem aquinhado, seguindo-se, em ordem de grandeza, a Indústria de Produtos Alimentares que recebeu Cr\$. 7.078 milhões.

No que tange à atuação do Banco do Brasil, principal agente financeiro do Governo, fica ainda mais ressaltada a participação relativa da Indústria Têxtil. Do total de Cr\$ 28,3 bilhões movimentados pela CREAL, 32% se destinaram à Indústria Têxtil, seguindo-se, em ordem de grandeza, a Indústria de Produtos Alimentares, que recebeu 20% do total.

O FUNDECE, como se vê, dedicou parcela ponderável de seus recursos disponíveis, ao setor têxtil. De fato, criado no auge da crise da indústria têxtil, especialmente do algodão, o FUNDECE destinou grande parte dos seus recursos para atender a acumulação de estoques do setor. Com o objetivo de promover a democratização do capital das empresas, entretanto, pelo menos no setor têxtil, não tem alcançado seus propósitos.

Realmente, a democratização do capital, que implica necessariamente no lançamento de ações no mercado mobiliário, não pode encontrar condições de receptividade, especialmente em um setor que precisa reter a quase totalidade de seus lucros.

FINAME

Iniciando suas operações em março de 1965, o FINAME tem dedicado ponderável soma de seus recursos no setor têxtil. O quadro abaixo mostra a participação da indústria têxtil no total dos financiamentos concedidos à indústria de transformação como um todo.

QUADRO XVI

FINAME - FINANCIAMENTOS (Cr\$ Milhões)

	1965	%	1966	%
Indústria Têxtil	2 699	6,5	4 192	8
Indústria de Transformação	41 678	100,0	51 335	100

FONTE: FINAME

Nota-se a participação substancial da indústria têxtil nos financiamentos concedidos pelo FINAME para implantação e modernização da Indústria de Transformação.

F I P E M E

Iniciando suas operações em março de 1965, o FIPEME também prestou substancial ajuda financeira ao setor têxtil, especialmente na importação de equipamento estrangeiro.

QUADRO XVIIFIPEME - FINANCIAMENTOS

	Cr\$ Milhões	%	US\$ (1)	%
Indústria Têxtil	953	5	1 817 514	33
Indústria de Transformação	18 570	100	5 568 641	100

FONTE: FIPEME

(1) US\$ 1 = Cr\$ 2.200

Êsses montantes correspondem às operações contratadas até 30.9.66, e mostram a ativa participação do setor têxtil nos financiamentos para importação de equipamento, com vistas à melhoria de produtividade.

C R E G E

Dos financiamentos governamentais para capital de trabalho, além do FUNDECE, de longo prazo, recebeu o setor têxtil créditos de curto prazo. A CREGE é fundamentalmente a fonte de recursos de que se vale o setor para complementar suas necessidades de capital de giro.

O quadro abaixo dá idéia do montante de recursos postos à disposição da Indústria e a parcela correspondente ao setor têxtil.

QUADRO XVIIICREGE - EMPRÉSTIMOS CONCEDIDOS - 1962/65

(Cr\$ Milhões) - Saldos em fim de período

A N O	INDÚSTRIA (A)	INDÚSTRIA TÊX- TIL (B)	B/A %
1962	67 396	128 054	23
1963	920 944	193 834	21
1964	1 446 566	286 900	20
1965	1 995 765	372 969	19

FONTE: Banco do Brasil S/A - Relatório 1965.

Note-se a participação da Indústria Têxtil no total dos empréstimos concedidos ao Setor Secundário, representando, no período considerado, u'a média de 20%. Ainda que declinando, a percentagem dos empréstimos à Indústria Têxtil, a partir de 1963, manteve-se em nível extremamente elevado, em 1965.

O decréscimo relativo da participação do setor têxtil no montante dos financiamentos da CREGE, a partir de 1963, deve-se a penas à expansão das necessidades dos demais setores industriais.

2.3 - Financiamento da Indústria

a) Financiamento Governamental

Não há elementos informativos que permitam uma análise exaustiva e atualizada do financiamento da Indústria Têxtil nacional. Não obstante, estudo realizado com base nos balanços e contas de resultados de 201 emprêsas^(*) dedicadas aos diversos ramos da indústria têxtil, permite algumas conclusões sôbre o comportamento do setor. A relativa desatualização dêsses dados pode ser, até certo ponto, sanada pelos elementos disponíveis e atualizados das fontes de crédito governamentais (1965/66) e na hipótese de que a capacidade de reinversão dos lucros tenha sido menor, pela conhecida situação de crise, a partir de 1964.

b) Esfôrço do Setor Têxtil - 1962/63

Do total dos recursos investidos pelas 201 emprêsas do setor têxtil, em 1963, Cr\$ 34,7 bilhões destinaram-se ao ramo do algodão (57,4%), vindo a seguir: lã, com Cr\$ 5,9 bilhões (9,9%), juta, com Cr\$ 3,2 bilhões (5,3%), linho, com Cr\$ 1,2 bilhões (1,8%) e diversos, com Cr\$ 15,6 bilhões (25,6%).

(*) - Conjuntura Econômica

Setembro 1964: "Indústria Têxtil - Cai a posição relativa."

Na mobilização desses recursos, essas empresas recorreram normalmente às fontes externas (38,2 bilhões correspondentes a 63%), dentre as quais bancos (Cr\$ 3,4 bilhões correspondentes a 22%) e credores diversos, especialmente fornecedores (Cr\$ 19,6 bilhões, ou 32%); o capital, representando aporte efetivo de recursos dos acionistas, elevou-se a Cr\$ 5,2 bilhões, ou 9%).

Os recursos de origem interna somaram Cr\$ 22,5 bilhões, correspondentes a 37%. Originam-se esses recursos de poupanças reais das empresas - Cr\$ 15,2 bilhões, ou 25% - e de depreciações e reavaliações, no montante de Cr\$ 7,3 bilhões, ou 12%.

Em termos de esforço de mobilização de recursos próprios, as empresas além do esforço interno, mobilizaram capital de risco, num total de Cr\$ 27,7 bilhões, ou 45 por cento dos recursos mobilizados, cabendo, portanto, a terceiros o financiamento de Cr\$ 33 bilhões (55 por cento), o que mostra a importância dos empréstimos na expansão do setor.

O setor têxtil de algodão não apresentou diferenças sensíveis do quadro global. Na realidade, mobilizou recursos próprios em percentagem um pouco maior (48 por cento) do que o conjunto do setor (45 por cento), recorrendo, em consequência, a fontes externas em menor proporção (52 por cento) do que o setor como um todo (55 por cento).

Do ponto de vista de utilização, mais de 2/3 dos recursos mobilizados pelo setor destinam-se ao capital de giro, ficando cerca de 28 por cento para aplicação no imobilizado; em estoques ficaram comprometidos cerca de 26 por cento, e 46 por cento foram destinados ao financiamento das vendas.

Ainda aqui, o setor têxtil de algodão manteve-se sem maiores diferenças do quadro geral do conjunto do setor. De fato, destinou cerca de 1/4 dos recursos mobilizados ao imobilizado e os restantes ao capital de giro.

Do ponto de vista de aplicação de lucros, os dados do referido estudo mostram que, entre 1962 e 1963, aumentou a percentagem de retenção dos lucros, de 80,2 para 83,2 por cento para o conjunto do setor, ficando a distribuição, em consequência, diminuída de 19,8 para 11,8 por cento.

No mesmo período - 1962 e 1963 - os ramos de lã, juta e linho diminuíram as percentagens de retenção, ou seja, elevaram a distribuição de lucros; o setor "diversos" baixou ligeiramente a percentagem distribuída de 15,4 para 14,3 por cento.

O setor de algodão, todavia, apresentou violento decréscimo na distribuição de lucros: de 24 desceu para 7,4 por cento (quadro).

Q U A D R O

RAMO	APLICAÇÃO DE LUCROS (%)			
	R E T I D O S		D I S T R I B U Í D O S	
	1962	1963	1962	1963
Algodão	76,0	92,6	24,0	7,4
Lã	86,1	79,1	13,9	20,9
Juta	93,9	78,0	6,1	22,0
Linho	91,5	63,5	8,5	36,5
Diversos	84,6	85,7	15,4	11,3
Total	80,2	88,2	19,8	11,8

FONTE: Conjuntura Econômica - Setembro 1964.

A retenção quase total do lucro decorreu da necessidade do setor de algodão de financiar parte dos estoques e das vendas, como se vê abaixo:

Q U A D R O

ATIVO REALIZÁVEL - (Milhões de Cruzeiros)

RAMO	E S T O Q U E		O U T R O S	
	1962	1963	1962	1963
Algodão	12 033	21 210	26 401	42 248
Lã	3 011	5 216	6 397	8 257
Juta	1 617	2 546	1 415	2 593
Linho	917	1 188	717	1 106
Diversos	5 540	9 000	11 839	18 706
Total	23 118	39 160	46 769	72 910

FONTE: Conjuntura Econômica - Setembro 1964.

Enquanto os setores (exclusive algodão) elevaram os estoques 62 por cento, em média, e o financiamento às vendas, em apenas 50 por cento, o setor têxtil de algodão elevou seus estoques 75 por cento e expandiu o financiamento das vendas em 60 por cento.

Essa retenção de lucros, praticamente sem distribuí-los se, por um lado é benéfica, pelo sentido de autocalcapitalização, por outro lado, limita o interesse do investimento, não atraindo capitais estranhos ao setor.

A rentabilidade da indústria têxtil brasileira caiu entre 1962 e 1963; não obstante, situa-se ainda entre as mais altas do país. Alguns setores apresentaram maiores ou menores decréscimos, girando em torno de 23,2 por cento a rentabilidade sobre inversões próprias, em 1962, para o conjunto do setor; em 1963, decresceu para 20,9 por cento. Em termos de inversões próprias líquidas, decresceu de 26,0 por cento para 23,1 por cento; sobre o capital nominal, decresceu de 43,7 por cento para 39,5 por cento (Quadro).

Q U A D R O

P E R C E N T A G E N S

RAMO	R E N T A B I L I D A D E					
	S/ INVERSÕES PRÓPRIAS BRUTAS		S/ INVERSÕES PRÓPRIAS LÍQUIDAS		S/ CAPITAL NOMINAL	
	1962	1963	1962	1963	1962	1963
Algodão	22,3	20,3	25,2	22,4	43,8	40,1
Lã	37,9	23,5	41,3	25,6	77,0	45,2
Juta	34,1	29,7	23,8	32,1	38,4	52,6
Linho	16,1	16,7	18,0	19,1	24,0	29,1
Diversos	21,2	20,1	23,9	22,3	36,4	34,5
Total	23,2	20,9	26,0	23,1	43,7	39,5

As empresas de algodão, em termos de rentabilidade sobre capital nominal, ficaram em torno da média, com 40,1 por cento, em 1963.

IV - ORIGEM E DESTINO DAS INVERSOES EM 1963

(Em milhões de cruzeiros)

R A M O	O R I G E M									D E S T I N O						
	E X T E R N A				I N T E R N A					T O T A L D E O R I G E M	I M O B I L I Z A D O		D I S P O N I V E L	R E A L I Z Á V E L		T O T A L D O D E S T I N O
	C A P I T A L	E X I G Í V E I S		T O T A L	R E S E R V A S		D E P R E C I A Ç Õ E S	R E A V A L I A Ç Õ E S	T O T A L		R E A V A L I A Ç Õ E S	N O V O		E S T O Q U E S	O U T R O S	
		B A N C O S	O U T R O S		I N C O R P . A O C A P I T A L	N O V A S										
Algodão	2 584	8 430	10 039	21 053	2 299	7 200	951	3 210	13 660	34 713	3 210	5 800	679	9 177	15 847	34 713
Lã	141	1 594	2 134	3 869	506	754	192	604	2 056	5 925	604	393	663	2 305	1 960	5 925
Juta	222	14	1 686	1 922	375	561	131	229	1 296	3 218	229	754	128	929	1 178	3 218
Linho	- 128	51	440	363	228	323	114	160	825	1 188	160	271	97	271	389	1 188
Diversos	2 360	3 323	5 280	10 963	586	2 407	501	1 168	4 662	15 625	1 168	3 729	401	3 460	6 867	15 625
T O T A L	5 179	13 412	19 579	38 170	3 994	11 245	1 889	5 371	22 499	60 669	5 371	10 947	1 968	16 142	26 241	60 669

OBS: Não foi incluído o ramo dos sintéticos (rayon, nylon, etc.) em virtude de terem sido publicados com deficiências técnicas para análise de balanços e resultados das principais empresas desta atividade.

2.4 - Mercado

a) - Consumo de Têxteis

O mercado brasileiro de produtos têxteis é praticamente auto-suficiente, sendo 99,8% de suas necessidades de consumo supridas pela produção nacional.

As importações de produtos têxteis vêm diminuindo sensivelmente (US\$ 8 milhões, em 1956, contra US\$ 1,5 milhões, em 1964), ao mesmo tempo que têm aumentado as exportações (US\$ 378 mil, em 1956 e US\$ 6,4 milhões, em 1964).

O quadro abaixo mostra o consumo interno de têxteis entre 1957 e 1960.

QUADRO XXIV

BRASIL: CONSUMO INTERNO DE TÊXTEIS - 1957 - 1960 (1.000 Ton.)

Anos	Importação	Exportação	Saldo do Comércio Exterior	Consumo Interno	Relação entre importação e consumo interno %
1957	3,30	0,68	- 2,62	275,9	1,2
1958	1,89	2,38	+ 0,49	294,3	0,6
1959	1,10	0,79	- 0,31	304,3	0,3
1960	0,90	2,35	+ 1,45	313,9	0,2

Fonte : CEPAL

Pode-se observar a pequena participação das importações no consumo interno. A relação entre importação e consumo caiu de 1,2%, em 1957, para 0,2%, em 1960. Entre os têxteis importados nesse período predominavam os fios de linho, tendo havido também algumas importações de produtos de algodão para uso industrial. Essas importações foram realizadas, na sua maior parte, da Europa, seguindo-se os Estados Unidos e o Japão. As exportações destinaram-se principalmente à África do Sul, Venezuela e Bolívia.

Entre 1950 e 1960, o consumo aparente per capita de produtos têxteis no Brasil aumentou de 5% somente, passando de 4,2 Kg para 4,4 Kg. O quadro seguinte mostra essa evolução.

QUADRO II

CONSUMO APARENTE PER CAPITA DE TÊXTEIS (x)

1950/1960

ANOS	População (milhões) (1)	Consumo Total (2) (1.000 tons.) (x)	Consumo Por Capita (x)
1950	52,0	220,45	4,2
1951	53,5	219,73	4,1
1952	55,1	233,30	4,1
1953	56,7	233,41	4,1
1954	58,4	251,60	4,3
1955	60 2	269,47	4,5
1956	62,0	278,76	4,5
1957	63,8	283,30	4,4
1958	65,7	294,03	4,5
1959	67,7	304,39	4,5
1960	71,0	313,90	4,4

Fonte : (1) Anuário Estatístico do Brasil, 1962

(2) CEPAL

(x) Inclui fios, tecidos e manufaturas têxteis.

Mas, não apenas foi lento o crescimento do consumo no Brasil; os demais países da América Latina estiveram na mesma situação.

Aliás, a êsse respeito, ressalta a CEPAL (1) que, na década da 1950/1960, o crescimento do consumo de têxteis - e com êle a produção - foi muito lento, mantendo apenas o ritmo de crescimento da população, do que resulta um consumo por habitante praticamente estacionário. Observou-se também que os preços relativos dos têxteis eram elevados e que, ante uma elasticidade-preço **bastante** pronunciada, **esta circunstância** contribuiu para refrear o consumo. Esta apreciação sôbre o desenvolvimento do consumo de têxteis na América Latina, como adiante teremos ocasião de vêr com maior detalhe, mostra os problemas com que se defronta o Setor, e que resultam num crescimento insignificante. Note-se que, como bem acentua o trabalho mencionado, essa estagnação é ainda mais significativa se compararmos a América Latina com outras regiões em processo de desenvolvimento constatando-se que, em tôdas elas, o consumo por habitante aumentou de forma marcante entre 1950 e 1960, conforme o quadro seguinte:

QUADRO III
CONSUMO DE TÊXTEIS POR HABITANTE (KG)
(ÍNDICE: 1950 = 100)

Regiões	1950	1960
América do Norte	100	91,7
Oceânia	100	100,0
Europa Ocidental	100	129,2
Europa Oriental e URSS	100	202,3
<u>América Latina</u>	100	102,5
Oriente Próximo	100	172,7
Oriente Remoto	100	230,7
África	100	121,4
Mundo	100	129,3
América Latina (% da média mundial)	102	80,9

Fonte: CEPAL - estudo mencionado

(1) Los Principales Sectores de La Industria Latino-americana: Problemas e Perspectivas - Indústria Têxtil, 1965.

Enquanto na América Latina o consumo por habitante, cresceu apenas 2,5%, no Oriente Próximo, no Oriente Remoto e na África foi, respectivamente, de 72,7, 130,7 e 21,4 por cento durante o período considerado. Da mesma maneira, a Europa Ocidental e a Europa Oriental registraram notáveis progressos, considerando os níveis de consumo já alcançados naquela região. Apenas na América do Norte, onde o nível de consumo é quatro vezes superior ao da América Latina, manifestou-se uma tendência ao declínio, influenciada pela estrutura do consumo, que tende para produtos mais leves e de fibras sintéticas.

Mas, não apenas deteriorou-se a posição da América Latina nesta relação. Essa involução se acentua quando se considera que o consumo de 4,0 kg, em 1950, situou-se em dois por cento acima da média mundial de 3,9 kg, enquanto, em 1960, o consumo de 4,1 kg colocava referida região 19% abaixo dessa média, cujo nível se havia elevado a 5,1 kg por habitante durante o decênio.

Acompanhando o desenvolvimento do consumo nos anos imediatamente posteriores, diz ainda o referido estudo que as tendências acima descritas continuaram durante os primeiros anos da presente década. Dessa forma, entre 1960 e 1962, o consumo total da região aumentou apenas de 3,5%, enquanto a produção cresceu de 4,5% nesses dois anos. Não obstante, a partir de 1963 parece haver uma tendência mais favorável em alguns países da América Latina.

A despeito da não existência de dados estatísticos para comprovar, porém de acordo com informações preliminares, a grande exceção foi o Brasil, onde, parece, segundo o estudo da CEPAL, ter havido uma nivelção, e talvez, até mesmo um decréscimo da produção, o que tenderia a neutralizar a posição da região em conjunto.

Na verdade, em setembro de 1963, apresentou-se nova crise na indústria têxtil brasileira e, como essa é uma época em que as fábricas estão normalmente com encomendas, tudo indica que o ano mencionado tenha apresentado produção inferior ao anterior. Os anos de 1964 e 1965, por sua vez, também não ofereceram melhores perspectivas para a indústria têxtil, especialmente 1964, cuja crise praticamente foi a continuação de 1963, que se prolongou até fins de 1965. Na realidade, só a partir do último trimestre de 1965 começaram a ser liquidados os estoques e nivelada a produção a níveis abaixo dos anos anteriores, segundo informam várias indústrias inquiridas a esse respeito.

ESTRUTURA DO CONSUMO INTERNO

A composição de consumo aparente de têxteis, segundo os diferentes tipos de fibras, não apresenta alterações muito acentuadas entre 1950 e 1960.

Os têxteis do algodão predominaram durante esse período numa proporção que oscilou sempre por volta de 80% do consumo total. Em segundo lugar, estavam os produtos fabricados com fibras artificiais que participaram, em média, com 11% do consumo.

O quadro abaixo mostra a participação das diferentes fibras no consumo aparente de têxteis de 1950 a 1960.

QUADRO IV
EVOLUÇÃO E COMPOSIÇÃO DO CONSUMO DE TÊXTEIS
1950/1960

ANOS	ALGODÃO	LA	ARTIFICIAIS	SINTÉTICOS	LIHO E RAMI	TOTAL
1950	83,1	6,9	9,5	-	0,5	100,0
1951	77,9	8,2	11,2	-	2,7	100,0
1952	78,1	7,9	11,9	-	2,1	100,0
1953	80,7	5,2	12,0	0,1	2,0	100,0
1954	80,8	5,5	11,0	0,1	1,8	100,0
1955	82,1	4,7	11,9	0,2	1,1	100,0
1956	80,9	5,2	12,1	0,2	1,6	100,0
1957	80,6	5,3	12,4	0,5	1,2	100,0
1958	79,9	6,3	12,2	0,7	0,9	100,0
1959	81,4	5,4	11,4	0,7	1,1	100,0
1960	81,4	4,9	11,2	1,1	1,4	100,0

A grande participação do algodão no total do consumo pode ser considerada normal, pois suas condições de produção abundante no país e de preço relativamente baixo fazem com que esse tipo de fibra predomine sobre os demais. As fibras artificiais, pelo seu preço também relativamente baixo e pelo seu uso isolado, bem como em **misturas** com outras fibras, apresentaram também uma participação importante no consumo de têxteis. A participação conjunta de linho e rami manteve sua posição devido ao crescimento no uso de rami, que compensou a constante redução no uso do linho. As fibras sintéticas foram as que apresentaram o maior crescimento, tendo seu consumo aumentado 10 vezes num período de 8 anos.

A despeito das pequenas alterações havidas na estrutura do consumo, o decréscimo do algodão, de 83,1%, em 1950, para 81,4%, em 1960, e da lã, de 6,7% para 4,9% no mesmo período, com o consequente aumento das fibras artificiais e sintéticas, pode ser bastante significativo, pois deixa patente a tendência à reestruturação do consumo.

A perda de **posição** relativa dos têxteis de algodão deve-se à substituição por outros produtos. Foi o que aconteceu com em balagens (sacos pequenos para açúcar, sal refinado, farinha de trigo e de mandioca), que foram substituídas por papel e plásticos; o transporte a granel também contribuiu para reduzir sensivelmente o consumo de sacos de algodão, especialmente no caso do milho. Igualmente contribuiu para reduzir o consumo do algodão o desenvolvimento de fios artificiais, que afetou alguns tecidos típicos de algodão, com o cetim. Por sua vez, as misturas de rayon também estabeleceram concorrência. O grande deslocamento, todavia, foi ocasionado pelos sintéticos, como utilização em lingerie femininas.

No ramo da lã, houve também deslocamento como decorrência de misturas, especialmente com o tergal.

A tendência que se observa entre nós na participação relativamente decrescente dos têxteis de algodão é ainda mais acentuada quando se analisa a produção mundial de fibras têxteis (Quadro).

Nota-se a participação sempre majoritária dos têxteis de algodão, ainda que progressivamente perdendo posição para as fibras artificiais e sintéticas. A influência da Segunda Grande Guerra é decisiva no processo de consolidação das fibras artificiais e sintéticas em detrimento das de algodão: em 1937, o algodão participava com 81 por cento e as fibras artificiais e sintéticas, com 8 por cento; a partir de 1938, todavia, as fibras de algodão desceram pa-

ra 76 por cento, enquanto as artificiais e sintéticas passaram para 10 por cento, até atingir 29 por cento, em 1965, contra apenas 63 por cento para as de algodão, no mesmo ano.

Naturalmente, a questão de clima, disponibilidade de algodão de boa qualidade e o desenvolvimento relativamente pequeno das fibras químicas no Brasil concorrem para a defasagem que se observa no país, comparando o consumo interno com a produção mundial. Não obstante, é clara a tendência, entre nós, para a utilização dos têxteis de fibras mistas, em que as fibras químicas vêm elevando sua participação relativa.

b) - Exportação e Perspectivas

Instalada ainda no Império, a indústria têxtil brasileira desenvolveu-se à sombra de barreiras alfandegárias, atravessando crises periódicas. Expandiu-se sob o incentivo do próprio mercado interno, jamais se orientando para o exterior, a não ser em condições extraordinárias.

O setor têxtil brasileiro encontrou sua grande oportunidade de expansão logo após a Segunda Grande Guerra, quando o parque industrial têxtil europeu, praticamente destruído e desorganizado, não podia atender ao mercado mundial.

Entretanto, a fim de não desfalcar o mercado interno, as exportações foram restringidas até sairmos totalmente do mercado internacional. Por sua vez reestruturando-se rapidamente, a indústria têxtil da Europa voltou a suprir seus antigos clientes, juntamente com o parque americano e, especialmente, o japonês. Desta forma, o setor têxtil brasileiro ocupou, momentaneamente, um lugar em nossa pauta de exportação. Posteriormente, como defesa contra os preços altamente competitivos, do exterior, elevaram-se barreiras alfandegárias, orientando-se a indústria têxtil novamente para o mercado interno.

Há alguns anos, todavia, algumas empresas mais dinâmicas entraram no mercado internacional, nêle concorrendo vantajosamente; colocando quantidades consideráveis de fios e tecidos, mostraram a viabilidade da competição no mercado exterior. O fato de algumas empresas competirem no mercado internacional sugere que o setor têxtil como um todo também poderá ocupar um lugar de importância crescente no mercado mundial, ainda mais quando fibras como as produzidas no Brasil se igualam às melhores ofertadas no mercado mundial, como é caso do algodão de fibra longa do Nordeste.

Foi com base em matéria-prima de qualidade que o Egito con

seguiu se introduzir no cenário internacional. As exportações de produtos de algodão aumentaram 265 por cento, entre 1960 e 1964, passando de 12,7 milhões para 33,8 milhões de libras egípcias.

Um conjunto de fatores parece indicar a oportunidade do Brasil como exportador do produto acabado ou semi-acabado, no setor têxtil, especialmente: a) alteração no mercado mundial ocasionada pelas modificações na estrutura industrial dos tradicionais países exportadores; b) política de exportação e favôres e incentivos, gerais e específicos, para os exportadores e c) custos comparativos favoráveis.

O aproveitamento dessa oportunidade para a indústria têxtil brasileira poderá marcar o início de uma nova época em sua vida comercial com o exterior: exportações crescentes de artigos acabados e semi-elaborados, em caráter permanente.

c) - Mercado Mundial

Neste capítulo será examinada a estrutura do mercado mundial, representado por alguns dos maiores produtores de artigos de algodão, salientando-se suas tendências.

O quadro abaixo mostra a produção, exportação e a importação de produtos de algodão, nos anos de 1952 e 1963, para os Estados Unidos, países da OECD, Reino Unido e França.

QUADRO
PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO, DE ALGODÃO
-1952-1963-

	ESTADOS UNIDOS		PAÍSES DA OECD		REINO UNIDO		FRANÇA	
	1952	1963	1952	1963	1952	1963	1952	1963
Consumo de algodão (1000t)			1100	1000	414,5	207	289	274,2
Produção(1000t)	1400	1100						
Exportações (milhões de US\$)	236,1	124,3						
Exportações (1000t)			230,1	2,7	78,6	29,4	52,3	44,0
Importações (milhões de US\$)	21,5	111,1						
Importações (1000t)			73,9	222,4	20,0	94,7	8,1	9,6
Índices								
Produção	100	78	100	91	100	50	100	95
Exportação	100	53	100	90	100	37	100	84
Importação	100	516	100	300	100	473	100	119

Fonte: OECD - L' industrie textile en Europe, 1965

NOTA : Os índices para os Estados Unidos referem-se a valores; para os outros países, a volume físico.

Nota-se, de início, uma queda nos níveis de produção e, como consequência direta, redução nos níveis de exportação. Procurando compensar o decréscimo da produção interna, os vários países elevaram as importações de produtos de algodão. Nos Estados Unidos, a produção de artigos de algodão diminuiu em 22%, entre 1952 e 1963, descendo de 1 400 000 para 1 100 000 toneladas. A produção dos países da OECD diminuiu no mesmo período em 9%, caindo de 1 100 000 para 1 000 000 toneladas.

Ao mesmo tempo, a importação de artigos de algodão nos Estados Unidos, elevou-se de US\$ 21,5 milhões para US\$ 111,1 milhões, o que corresponde a um aumento de mais de 415%. As exportações desses mesmos produtos, por sua vez, baixaram de US\$ 235,1 milhões para US\$ 124,3, isto é, decresceram quase da metade.

Pode concluir-se que, conquanto a produção nos Estados Unidos, de artigos de algodão tenha baixado, em termos físicos, de 22% (e suas exportações em valor, tenham decrescido de 50%), e as importações tenham aumentado em mais de 415% (alcançando um valor semelhante ao montante das exportações), parte da produção nacional foi substituída pela importação. Note-se que nesses números não se inclui a substituição de produtos de algodão pelos de fibras químicas (puras ou misturadas).

Nos países da OECD, nota-se a mesma situação, ainda que de forma menos acentuada, pois, no mesmo período, a produção de tecidos de algodão, baixou de 1 100 000 t para 1 000 000 t, enquanto que, as exportações diminuíram também em 10%, sendo que as importações aumentaram de 73 900 t para 222 400 t, isto é, cresceram de 200%, o que fez com que o valor das importações em 1963 superasse o das exportações.

Em grande parte, é responsável por esta situação o Reino Unido, que reduziu intensamente sua produção de artigos de algodão e, em consequência, as exportações, elevando, por outro lado, as importações de tecidos dessa fibra.

Também em outros países europeus a situação é mais ou menos semelhante, protegida por elevadas taxas aduaneiras, a produção de tecidos permaneceu estacionária, enquanto as exportações diminuíram e as importações se elevaram.

Conforme outras estatísticas da OECD, houve deslocamento das importações para países de fora da área. Em 1963, por exemplo, foram importadas 2 375 t do Japão e de outros países estrangeiros à Organização.

O decréscimo da produção de artigos de algodão nesses países deve-se ao fechamento das fábricas menos lucrativas, às fusões e às transformações correntes na indústria algodoeira.

Com esta alteração sensível na estrutura do mercado têxtil

mundial só têm a lucrar os países tradicionalmente exportadores de matéria-prima.

O setor têxtil brasileiro tem aproveitado a conjuntura do mercado internacional, não tanto por uma política previamente estudada para o aproveitamento das condições que lhe são oferecidas, mas como solução para a crise com que se defronta em virtude da retração do mercado interno.

O quadro a seguir mostra a maior agressividade do setor buscando no mercado externo o escoamento de sua produção.

QUADRO
EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS TÊXTEIS

FIOS

	1960		1961		1962		1963		1964		1965	
	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$
Algodão	771 764	793 150	276 143	355 262	89 884	107 706	53 911	48 454	606 821	508 462	3 862 388	3 315 627
Lã	6 473	19 929	75	300	739	1 594	20	30	13 117	42 000	15 929	43 417
Linho	100	336	-	-	-	-	-	-	500	1 948	-	-
Art. e Sint.	-	-	-	-	30	68	300	205	23 918	30 947	70	254
Outros (inclusive n.e.)	-	-	17 000	3 818	22 682	76 237	28 198	140 760	58 930	81 338	14 380	176 720
TOTAL	778 337	813 415	293 218	359 380	113 335	185 605	82 429	187 449	703 286	664 695	3 892 767	3 536 018

TECIDOS

	1960		1961		1962		1963		1964		1965	
	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$
Algodão	1 444 752	3 253 506	450 153	1 295 661	432 328	945 060	1 420 498	1 633 988	2 731 026	2 911 607	4 394 211	4 938 744
Lã	970	5 269	829	5 333	674	2 821	-	-	615	2 608	1 111	10 712
Linho	211	1 062	110	1 324	330	759	-	-	3 397	11 767	2 796	8 509
Art. e Sint.	5 216	7 093	6 279	20 407	2 966	8 581	2 505	7 921	2 858	9 861	1 406	2 849
Outros (inclusive n.e.)	1 549	2 676	39	218	198 196	107 346	350 445	230 320	(1)	(1)	(2)	(2)
TOTAL	1 452 698	3 269 606	457 410	1 322 943	634 461	1 064 667	1 773 448	1 872 229	7 915 277	5 775 469	11 568 452	9 230 454

FONTE: SEEF

(1) 2 940 240 Kg e US\$ 1 616 658 - Aniagem
2 236 672 Kg e US\$ 1 220 849 - Juta

(2) Sendo: 7 116 910 Kg e US\$ 4 233 589 correspondente a tecidos de aniagem

Nota-se de início, a liderança dos têxteis de algodão - fios e tecidos - representando em alguns anos, a quase totalidade das exportações.

Até 1963, inclusive, a exportação de fios mostrou uma tendência decrescente, reagindo, violentamente, em 1964, para se situar, no fim do período, em níveis ainda não alcançados, até então.

A exportação de tecidos comuns, até 1962, mostrou, também, uma tendência decrescente, para, exatamente em 1963, duplicar o valor das exportações (US\$ 1,87 milhões); em 1964 e 1965 - continuação da crise de 1963 - foram atingidos os constantes de US\$ 5,78 milhões e US\$ 9,23 milhões, respectivamente.

O segundo item em valor exportado no que diz respeito a produto acabado - "Outros" - engloba tecidos de aniagem - registrou no período 1960-1961, exportações insignificantes, elevando-se modestamente em 1962 e 1963, quando atingiu apenas US\$ 230 000; em 1964, todavia, elevou-se para US\$ 2,84 milhões, concorrendo para isso os tecidos de aniagem com US\$ 2,83 milhões; em 1965, finalmente quase triplicou o volume exportado (US\$ milhões) alcançando os tecidos de aniagem a cifra de US\$ 4,23 milhões, especialmente tecidos de juta.

Procurando transformar esta situação puramente transitória, onde a conquista do mercado externo antes de ser um objetivo previamente elaborado, tem sido um expediente para enfrentar a retração da demanda doméstica, o Governo Brasileiro vem procurando dar caráter permanente a esta política do setor, propiciando à Indústria Têxtil as condições básicas que lhe permitam competir no mercado internacional.

Realmente, dando condições de previsão aos aumentos salariais, possibilitou a manutenção de programas de produção a prazo mais longo. A par disso, concedeu incentivos vários, todos com o objetivo de fortalecer a posição das empresas têxteis no mercado internacional.

Custos Comparativos

No presente capítulo utilizaremos, fundamentalmente, recente trabalho da CEPAL⁽¹⁾, que, ao examinar as possibilidades da indústria têxtil da América Latina de concorrer no mercado internacional, estudou o aspecto dos custos na França, Colômbia, Peru e Brasil, para produção de um kilograma de fio de algodão. Deixou-se de proceder a semelhante estudo com referência à tecelagem, por se tratar de problema bem mais complexo, envolvendo um número elevado de variáveis, dependentes da largura e peso do tecido produzido.

No estudo sobre a fiação, considerou-se apenas o custo da transformação, não se cogitando do preço da matéria-prima que varia dependendo do país fornecedor.

É interessante salientar que o custo de produção na França pode ser considerado como representativo para a Europa, especialmente para os países membros do Mercado Comum Europeu. Os dados obtidos para a Colômbia, dizem respeito a uma indústria representativa do País; com relação às observações pertinentes ao Peru, referem-se a apenas duas fábricas e, para o Brasil, as observações foram obtidas em uma das melhores fábricas.

(1) - La Exportacion en el mercado mundial; una perspectiva para el desarrollo de la Industria Textil latino-americana (preparado por el Consultor M. Roger Haour) - CEPAL, 1966.

QUADRO

COMPARAÇÃO DO CUSTO DE PRODUÇÃO DE 1 KG DE FIO DE ALGODÃO Nº 40

(EXCLUÍDA A MATÉRIA-PRIMA)

	FRANÇA		COLÔMBIA		PERU				BRASIL	
	VALOR	%	VALOR	%	Fábrica P ₁		Fábrica P ₂		VALOR	%
					VALOR	%	VALOR	%		
<u>Custos Variáveis</u>										
Mão-de-Obra de Produção	0,0788	22,5	0,0597	24	0,2281	36	0,3574	47,5	0,0526	14,5
Encargos Sociais da Mão-de-Obra de Produção	0,0477	13,5	0,0498	20	0,0796	12,5	0,1570	21,5	0,0412	11,5
Mão-de-Obra e Custo da Manutenção	0,0296	8,5	0,0254	10	0,0952	15	0,0981	13	0,0173	4,5
Fôrça Motriz	0,0332	9,5	0,0327	13	0,0392	6	0,0315	4	0,0351	9,5
<u>Total Custos Variáveis</u>	<u>0,1893</u>	<u>54</u>	<u>0,1676</u>	<u>67</u>	<u>0,4421</u>	<u>69,5</u>	<u>0,6440</u>	<u>86</u>	<u>0,1462</u>	<u>40</u>
<u>Custos Fixos</u>										
Salários Fixos	0,0404	11,5	0,0420	16	0,0566	9	0,0392	5	0,0610	16,5
Outros Custos Fixos	0,0283	8,5	0,0245	10	0,0433	7	0,0081	1	0,0630	17,5
<u>Total Custos Fixos</u>	<u>0,0687</u>	<u>20</u>	<u>0,0665</u>	<u>26</u>	<u>0,0999</u>	<u>16</u>	<u>0,0473</u>	<u>6</u>	<u>0,1240</u>	<u>34</u>
Amortização	0,0912	26	0,0164	6	0,0933	14,5	0,0589	8	0,0934	26
<u>Custo Total</u>	<u>0,3492</u>	<u>100</u>	<u>0,2505</u>	<u>100</u>	<u>0,6353</u>	<u>100</u>	<u>0,7502</u>	<u>100</u>	<u>0,3636</u>	<u>100</u>
<u>Índice</u>	100		72		181		214		105	

FONTE: - CEPAL - La Exportacion en el mercado mundial: una perspectiva para el Desarrollo de la Industria Textil Latino Americana - 1966 - p.6.

Obs.: - US\$ 1 = 4,90 francos = 13,50 pesos colombianos = 27 soles = 2 200 cruzeiros

Da análise do quadro anterior ressalta a capacidade de concorrência do produto brasileiro no mercado europeu, ainda que não se possa extrapolar esta conclusão para o setor como um todo, uma vez que os dados de custo se referem apenas à fábrica das mais eficientes.

A mão-de-obra barata(*) coloca o Brasil com o mais baixo custo variável; em contra-partida, no que se refere aos custos fixos, apresentamos a maior incidência, especialmente de "Outros Custos Fixos", onde as despesas financeiras respondem por ponderável parcela. A época em que foram coligidas as informações, coincidindo com o período de retração do mercado interno brasileiro (segundo semestre de 1964 e primeiro de 1965) sugere que a magnitude do item "Outros Custos Fixos", foi significativamente afetada pela necessidade de recursos oriundos do crédito bancário para financiamento de estoques. Assim, com a recuperação do mercado interno ter-se-á paralelamente uma melhoria das condições de concorrência no mercado externo, mercê da redução de parcela importante nos "Custos Fixos".

Aposar da magnitude dos Custos Fixos, conseguiu a Indústria Têxtil brasileira exportar, em 1965, significativo montante como solução para enfrentar a crise. Se bem que as exportações de têxteis venham crescendo a partir de 1963, há probabilidade de que declinem quando se recuperar totalmente o mercado interno, considerando os padrões até agora seguidos.

É no interesse do dinamismo do setor têxtil que o Governo vem incentivando a exportação (direta e indiretamente), seja pela isenção do Imposto de Consumo, Imposto de Renda, Vendas e Consignações, em alguns Estados, etc., esperando-se, por outro lado, que o Setor Têxtil Brasileiro tome consciência da importância estratégica em que se situa face à reestruturação da produção mundial, abandonando a posição de considerar a exportação como mera solução improvisada para enfrentar crises do mercado interno. Uma atitude consciente e determinada no sentido de conquista do mercado internacional irá, num processo circular e cumulativo, reforçar as condições de concorrência do setor.

(*) - De acordo com o estudo da CEPAL (IBIDEM, p.8), o custo médio real por homem/hora é pouco menos de US\$ 0.25 no Brasil, enquanto que no Peru é de US\$ 0.85, na Colômbia US\$ 0.50 e chega a US\$1,10 na França.

Assim é que o industrial, ao se engajar na produção para exportação, estará, ao mesmo tempo, trabalhando no sentido de reduzir os custos de produção, via "Outros Custos Fixos" especificamente, diminuindo, relativamente, os seus gastos financeiros. Realmente, com o pagamento da exportação através da carta de crédito irrevogável, o industrial obtém um financiamento a juros inferiores aos que vigoram, atualmente, no mercado financeiro.

Com relação à qualidade do produto, o elevado grau de seletividade do mercado internacional irá, necessariamente, forçar o setor têxtil brasileiro a adaptar-se aos padrões dos mercados externos, única maneira de conseguir manter exportações crescentes e sistemáticas.

2.5 - Fatores de Produção

2.5.1 - Matérias-Primas

As matérias-primas, que constituem a principal parcela dos custos dos produtos têxteis, são as fibras, as quais podem ser classificadas como segue:

I - FIBRAS NATURAIS

1 - VEGETAIS

- a) Algodão
- b) Juta
- c) Linho
- d) Rami
- e) Outras Fibras Vegetais

2 - ANIMAIS

- a) Lã
- b) Sêda Animal
- c) Outras Fibras Animais

II - FIBRAS ARTIFICIAIS

1 - CELULÓSICAS

- a) Raion
- b) Raion Acetato
- c) Raion Cuproamoniaco
- d) Outras Fibras Celulósicas

2 - NÃO CELULÓSICAS OU QUÍMICAS

- a) Poliamínicas (Nylon, Perlon, etc.)
- b) Poliésteres (Tergal, Dacron, etc.)
- c) Poliacrílicos (Orlon, Dralon, etc.)
- d) Poliuretanos (Lycra, Wyrene, etc.)
- e) Politropilene
- f) Outras Fibras Químicas

As FIBRAS NATURAIS podem ser obtidas no Brasil com relativa abundância e em qualidades apreciáveis ou satisfatórias. A seguir, serão tratados: algodão, juta, rami e lã, para os quais se dispõem de dados atualizados, ainda que sumários.

a) Algodão

A principal delas, o algodão, é cultivado principalmente nos Estados do Nordeste e em São Paulo; naqueles Estados são encontradas as variedades Seridó, Sertão e Mata, enquanto em São Paulo predomina a variedade ordinariamente denominada Paulista.

O algodão paulista, do tipo 5, com uma fibra que se situa entre 28 e 30 mm. é de qualidade razoável e se presta para a fabricação de fios de título entre 22/24. Sua limpeza é satisfatória, bem como a regularidade do comprimento das fibras. Todavia, especialmente no comêço da safra, os lotes comercializados apresentam algodão imaturo e fraco, fator êste que prejudica as operações de fiação e causa alterações na qualidade do produto.

O Nordeste produz algodões de fibra média de comprimento entre 30/32 e 32/34 mm., dos tipos 3 e 4, que se prestam à fabricação de fios até os títulos 30 e 40, respectivamente, e o algodão tipo Mocó de fibra longa (até 36/38 mm.) que permite fiar até títulos 60 ou 80, penteados, é de alta qualidade tendo um fibra resistente, fina e sedosa.

A qualidade dos algodões de tipo médio pode ser considerada regular, com uma resistêcia de fibra satisfatória. Sua classificação, todavia, deixa muito a desejar, pois as partidas são heterogêneas, reunindo fibras de diversos comprimentos e, em geral, com limpeza bastante abaixo do padrão. O defeito mais grave do algodão Nordestino, porém, é a presença de fibras de caroá e outras, resultantes do contacto com panos feitos dessas fibras, utilizados na colheita e na embalagem provisória. Essas fibras não podem ser eliminadas completamente no preparo do algodão para a fiação e causam grande proporção de rupturas do fio. Êste fato contribui sensivelmente para a queda da eficiência e da produtividade da fiação, aumentando o desperdício e piorando a qualidade do fio. Esta baixa qualidade de fio repercute, mais tarde, no rendimento das tecelagens.

As demais fibras naturais são razoavelmente supridas pela produção nacional, à exceção apenas do linho, cuja importação é necessária para atender à demanda.

b) Rami

A qualidade do rami nacional pode ser considerada satisfa-

tória sob todos os pontos de vista; variações climáticas e a degeneração natural das plantações mais antigas, todavia, respondem por variações, às vezes consideráveis.

Do ponto de vista do abastecimento de matéria-prima, é previsto para o ano de 1966 um deficit de aproximadamente 6 300 ton.; a produção prevista para 1966 nos sucessivos cortes que a planta proporciona é de cêrca de 17 000 ton., das quais, deduzido o volume, correspondente às exportações licenciadas (2 600 ton.), proporcionará um suplemento de apenas 14 400 ton.

Procurando contornar a situação, a indústria nacional enfrenta a situação pelo afinamento do título dos fios fabricados, de um lado e, de outro, pela importação de fibras de linho que, igualmente, podem ser trabalhadas no equipamento disponível. Às vezes o deficit é agravado pela utilização da indústria de sacaria de juta que, algumas vezes, é obrigada a utilizar o rami a fim de complementar seus estoques.

Como consequência, os preços médios do rami, considerando sempre o pagamento à vista, vêm sofrendo contínuas elevações: de Cr\$ 295/kg, em começos de 1965, elevou-se para Cr\$ 500/kg em princípios do corrente ano, situando-se em outubro em tórno de Cr\$950/kg.

c) Juta

A indústria da juta está localizada nos Estados de São Paulo, Guanabara, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Com base no estudo feito pela CEPAL, a produção nesses Estados, em 1960, foi a seguinte:

ESTADOS	1 000 m ²	% DO TOTAL
São Paulo	88 483,7	72,2
Rio-Guanabara	25 000,9	20,4
Rio G.do Sul	9 068,9	7,4
TOTAL	122 553,6	100,0

FONTE: Estudo CEPAL

Como se vê, a quase totalidade da produção está concentrada na região compreendida pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Guanabara, destacando-se, todavia, São Paulo, em cuja área está intensamente agrupada a indústria de fiação e tecelagem de juta. Dados mais recentes, colhidos e analisados pelo Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em geral no Estado de São Paulo, mostram as tendências desse ramo, em data posterior ao estudo da CEPAL.

Com efeito, em 1960, a posição do Estado de São Paulo, em relação ao Brasil, no setor de juta, era a seguinte, em termos de capacidade instalada:

JUTA - 1960

	FUSOS	%	TEARES	%
Brasil	60 000	100	3 400	100
São Paulo	37 462	62	2 641	77

Nota-se intensa concentração do setor de tecelagem e, em menor extensão, a parte de fiação.

O estudo anteriormente referido mostra que, tanto em termos de fusos como em termos de teares, a capacidade instalada, medida em número de fusos e teares, no Estado de São Paulo, está decrescendo, como se vê:

ANO	1960	1961	1962	1963	1964	1965
FUSOS	37 462	37 462	38 492	34 198	34 198	33 298
TEARES	2 641	2 641	2 717	2 229	2 229	2 153

FONTE: Suplemento Econômico do SIFTGESP - janeiro de 1966

Observou-se ligeira expansão da capacidade instalada em 1962, declinando, de maneira mais acentuada, a partir desse ano. Em relação a 1965, a redução foi de 11%, com base no equipamento existente em 1960. Esse declínio resultou da transferência de 4 164 fusos para outras unidades da Federação. No mesmo período, o número de teares instalados reduziu-se de 2 641 para 2 153 teares.

Atividade do Equipamento

Até meados de 1964, todo o equipamento instalado esteve em atividade, ainda que parcialmente, em sua maioria. Posteriormente, a paralização de um estabelecimento de grande porte tornou inativa uma terça parte do equipamento existente.

Desde 1963, com o desligamento (por transferência ou paralização) de fusos que usualmente operavam três turnos, o grau de utilização do equipamento remanescente caiu consideravelmente. Em 1960, segundo o estudo da CEPAL, dos 36,9 mil fusos que estavam em operação, em média apenas 7,8 mil fusos operavam um único turno; 18,1 mil fusos operavam dois turnos e 11,0 mil fusos operavam nos três turnos. Em outubro de 1965, os fusos ativos estavam reduzidos a 24,7 mil, dos quais 15,1 mil estavam operando um único turno; apenas 5,3 mil operavam três turnos e 4,3 mil, dois turnos. Em 1960, a relação fusos/hora efetivos (milhões) e fusos/hora teóricos (milhões) era de 70,9%; em 1965 (outubro), essa relação desceu para 42,6%.

Em 1960, a relação teares/hora efetivos (milhares) e teares/hora teóricos (milhares) era de 50,9%; em 1965 (outubro), essa relação também desceu para 37,1%. Em termos de teares/hora trabalhados durante o mês, 1960 apresentava 738,6 mil teares/hora para, em 1965 (outubro), descer para apenas 445 mil teares/hora.

Considerando em condições técnicas de operação todo o equipamento existente em cada período e a possibilidade teórica de os fusos e os teares, do ramo em sua totalidade operarem em três turnos de 25 dias, como uma minoria e vem fazendo, conclui-se pela existência atualmente de uma capacidade ociosa de mais de 50 por cento nas fiações de juta, que era de apenas 30 por cento, até 1963. O índice teórico de utilização do equipamento nas tecelagens caiu também, de 50 por cento até 1963 para apenas 37 por cento daí por diante.

Produção

O quadro a seguir mostra a produção de produtos da juta no período 1960/1965:

A N O	PRODUÇÃO (Volume)			PRODUÇÃO (Valor)	
	FIOS 1 000 ton.	TECIDOS Milhões de m ²	SACOS Milhões	BILHÕES Preços Correntes	BILHÕES 1º Semes- tre / 1965
1960	35,3	109,5	73,6	3,2	39,5
1961	33,7	104,5	70,2	4,2	37,5
1962	34,9	108,2	72,7	6,7	39,0
1963	38,1	123,4	84,4	10,6	43,6
1964	27,8	89,9	57,5	17,6	31,8
1965	23,6	76,0	58,0	28,7	27,0

FONTE: Suplemento Econômico - SIFTGESP

No triênio 1960/62, a produção de fios manteve-se razoavelmente equilibrada em torno de 35 mil toneladas de fios; em 1963, houve expansão de 8 por cento mais ou menos. Em 1964, todavia, apresentou-se sensível redução nos níveis anteriores de produção, que desceu para 27,8 mil toneladas de fios, para, em 1965, desceu a níveis ainda mais baixos. Em termos de tecidos, acompanhou a mesma tendência dos fios: razoavelmente equilibrada no triênio 1960/62, apresentou ligeira expansão em 1963, para descer nos anos seguintes, de maneira acentuada. Da mesma maneira, a produção de sacos seguiu a tendência, no período 1960/65.

Evolução dos Custos

A juta em rama (matéria-prima) e a mão-de-obra perfazem aproximadamente dois terços do valor da produção, exclusive impostos. O estudo realizado pelo Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem Geral do Estado de São Paulo mostra que a evolução dos custos da indústria de juta, no período 1962/64, teve um comportamento muito próximo do nível geral dos preços e paralelo ao dos preços agrícolas. Até setembro de 1965, observou-se também uma evolução relativamente aproximada. No último trimestre de 1965, todavia, a elevação drástica dos preços de juta, principalmente a partir de novembro dêsse ano, e o reajuste salarial elevaram em cerca de 35 por cento os custos médios sobre o nível de setembro.

Pessoal Ocupado

A média mensal do pessoal ocupado na indústria caiu de 8573, em 1960, para 7 853 pessoas em 1963 e 4 720, em 1965. A liberação de mão-de-obra pelas empresas que se desligaram do ramo atingiu cerca de 3 200 pessoas. Em algumas empresas remanescentes observou-se também pequena redução de pessoal, mais que compensada, porém, por uma maior absorção em alguns outros estabelecimentos do ramo.

A partir de 1963, computado o pessoal, das empresas posteriormente desligadas, o decréscimo percentual da mão-de-obra empregada foi de 35 por cento. Considerado apenas o contingente de mão-de-obra empregado nas indústrias que continuam operando, de 1963 para cá, observou-se uma expansão de mais ou menos 11 por cento.

CONCLUSÕES

O setor vem apresentando crescente capacidade ociosa. A transferência de alguns estabelecimentos, tudo indica, está sendo feita como maneira de reduzir custos de operação através da realocação da indústria para a área de suprimento de matéria-prima - a Amazônia - especialmente os Estados do Amazonas e Pará.

Na verdade, o ônus do transporte da matéria-prima agravado pela necessidade de manutenção de elevados níveis de estoques, de um lado e, de outro, a diminuição generalizada de capital de trabalho que vêm apresentando as empresas do setor têxtil, tornam insustentável à maioria da indústria a atividade de operação em nível elevado de aproveitamento da capacidade instalada.

Em consequência de vários fatores, o preço da juta vem-se elevando de maneira acentuada, com redução crescente no nível de operação das empresas.

Tem-se, então, no quadro geral da indústria têxtil de juta uma região produtora da matéria-prima, de maneira exclusiva (Amazônia) e, no Sul, especialmente São Paulo, o centro produtor do artigo final (fio, tecido e saco), separados por grande distância, em que o problema é agravado pelo transporte.

Com base nos elementos anteriores, observa-se que os níveis de produtividade do setor vêm aumentando, em termos de valor de produção por operário, com se vê:

	1960	1963	1965
A. VALOR PRODUÇÃO (Cr\$ Bilhões)	39,5	43,6	27,0
B. OPERÁRIOS	8573	7833	4720
A/B (Cr\$ Milhões)	4,607	5,566	5,720

NOTA: Cruzeiros a preços de 1965.

O nível de tecnologia, juntamente com a reorganização técnica administrativa do setor, talvez não sejam suficientes, todavia, para compensar, em termos de eficiência, a crescente elevação de custos decorrentes do transporte da matéria-prima de futuro.

As condições materiais da região como produtora exclusiva de matéria-prima juntamente com os incentivos que estão sendo oferecidos às indústrias, sugerem a transferência do parque industrial, hoje situado em função do mercado, exclusivamente, no Sul, para a região da Amazônia, tendência essa que já se observa.

d) Lã

Na VI Convenção da Indústria Têxtil, concluiu-se que a qualidade da lã nacional pode ser considerada satisfatória; a indústria, todavia, ressentia-se da falta dos tipos amerinada e merina especial e supra, atualmente procuradas principalmente para a mistura com fibras sintéticas.

A produção estimada para a safra que se iniciou em 1965, elevou-se a cerca de 33 500 ton. constituindo o máximo até hoje registrado.

Do ponto de vista do mercado internacional, dadas as perspectivas, algumas elevações de preços já se registraram, esperando-se contínuas elevações. Essas perspectivas desfavoráveis decorrem das condições climáticas que provocaram a mortandade de grandes rebanhos de modo geral, nas grandes áreas criadoras e, em especial, na Austrália.

e) Fibras Artificiais

A fabricação de fibras artificiais celulósicas iniciou-se no Brasil no período compreendido entre as duas guerras mundiais. Inicialmente foram produzidas as fibras de viscose, comumente denominadas fios de rayon. Posteriormente verificou-se a fiação dos acetatos. A "sêda Bemberg", ou rayon cupro-amoniacoal, foi igualmente produzida, porém durante um espaço de tempo relativamente curto. Com exceção de alguns períodos, as fibras artificiais celulósicas sempre foram produzidas em quantidades necessárias à demanda, dentro de padrões de qualidade apreciáveis.

Após o término da 2a. grande guerra, iniciou-se a instalação da primeira fábrica de nylon-66 ou poliamina, a primeira fibra não celulósica a ter grande repercussão no mercado internacional. Posteriormente, em torno de 1958, surgiu, no Brasil, a primeira fábrica de poliéster. O desenvolvimento da produção dessas fibras, entre nós, constitui um fato normal e representa uma tendência que se verifica em todo o mundo, conforme mostra o quadro abaixo:

QUADROPRODUÇÃO DE FIBRAS (kg/hab) SINTÉTICAS

ANO	MUNDO	BRASIL
1960	0,24	0,063
1961	0,27	0,074
1962	0,35	0,11
1963	0,42	0,13
1964	0,53	0,19
1965	0,61	0,18

FORTE: Comité International de la Rayonne et des Fibres Synthétiques 1966 (CIRFS).

2.5.2 - Mão-de-Obra

a) Administração Superior

No quadro da Indústria brasileira, o setor têxtil, em especial, se destaca pela complexidade de problemas com que se defronta a administração superior de suas empresas. Vários fatores limitaram, e ainda limitam, o desempenho eficiente de administração, em especial o que se pode chamar de "ambiente", bem como a própria carência de conhecimento formal das técnicas de administração.

A Indústria Têxtil surgiu fora dos centros urbanos e se localizou em função de fatores como a existência de água, fôsse como elemento gerador de força motriz, ou como fator indispensável ao acabamento, influenciando, também, a consideração do clima. As primeiras unidades têxteis de grande porte, instaladas em áreas completamente desprovidas de quaisquer facilidades, eram movidas à força hidráulica. A fim de criar condições de produção, as fábricas passaram a integrar uma série de serviços de utilidade pública, desde instalações de água e esgoto até as de produção e distribuição de energia, construção de edifícios e casas para operários, arruamentos, calçamentos, coleta de águas pluviais, escolas, serviços médicos, de enfermagem, dentários e farmácia, igrejas, armazéns de abastecimento, serviços recreativos, etc. Não existindo ação de governo nas localidades, as empresas eram obrigadas a arcar com o ônus de todos êsses serviços de caráter social.

Por outro lado, a necessidade, decorrente da própria situação obrigava as empresas, para seu funcionamento eficiente, a um processo de integração vertical que compreendia desde a fiação, a tecelagem e o acabamento, até a manutenção obrigatória, de serviços auxiliares como carpintaria, fundição, marcenaria, oficinas mecânicas, etc. A administração superior do setor têxtil, assim, já difícil pela integração de todas essas atividades vinculadas mais diretamente à operação da empresa, agravou-se, ainda mais, com a responsabilidade da manutenção dos serviços de caráter social, tornando-se, assim, um misto de administração privada e pública. O crescimento das comunidades aque deu origem a emprêsa, aumentou ainda mais a complexidade da tarefa administrativa dos escalões superiores.

Enquanto a comunidade era composta por operários e a administração local era da própria empresa, o equilíbrio se mantinha. Com o crescimento populacional e a formação de núcleos políticos, foi surgindo, na

turalmente, a necessidade de manutenção desses organismos pelo setor público e aparecendo a tributação municipal, estadual e federal. A evolução das leis sociais também foi criando encargos que foram deteriorando a situação, deixando de existir o equilíbrio anterior.

A dedicação integral a essas atividades, e a própria ausência de fontes de conhecimentos formais de técnicas de administração, não permitiam à alta direção das empresas o controle eficiente das suas atividades.

b) Mão-de-obra direta

A formação profissional dos operários têxteis tem seguido a orientação vigente nos demais setores tradicionais, apesar de todas as contra-indicações e ineficiência de tal treinamento. A insuficiente oferta de operários treinados pelo SENAI, serviço a cujo cargo, teoricamente, estaria a responsabilidade da formação profissional, obriga as fábricas a prover o necessário treinamento.

A impossibilidade de manterem um parque de máquinas destinado exclusivamente ao treinamento dos aprendizes, obriga que a formação desses elementos seja promovida dentro da linha normal de produção. Este método de formação dos operários representa um encargo suplementar pela queda da eficiência, e, como consequência, elevação de custos, seja pela redução do nível médio da produtividade, seja pelo desperdício oriundo da falta de conhecimento do aprendiz ao exercer tarefa para a qual a ainda não está preparado.

A deficiente formação dos operários têxteis reflete-se nos escalões imediatamente superiores. Assim é que contra-mestres e mestres atingem a essas posições sem qualquer treinamento adicional. As falhas e vícios apreendidas quando ainda operários, são passadas adiante, num processo degenerativo, uma vez que a par de se tender a perpetuar erros não há uma atualização profissional, mantendo-os, por conseguinte, cada vez mais distantes dos padrões ótimos de eficiência. A deficiência, sob o ponto de vista da técnica de produção, adicione-se o total despreparo de mestres e contra-mestres no que diz respeito às tarefas administrativas condizentes com suas funções, o que faz com que, tradicionalmente, suas atribuições se limitem à rotina mínima de auxiliares de produção, sem a menor noção das responsabilidades administrativas de chefia.

2.6 - Produção

a) - Produção Física e Respectivo Valor

A produção física e o valor da produção da indústria de fiação e tecelagem, no período 1955/58, consta do quadro a seguir:

QUADRO V

INDÚSTRIA TÊXTIL - FIAÇÃO E TECELAGEM^(*)

ANOS	FIAÇÃO		TECELAGEM	
	Prod.Física(t)	Valor(₹ 1 000)	Prod.Física(m)	Valor(₹ 1 000)
1955	70 402	7 143 008	1 434 739 826	26 744 151
1956	88 859	9 256 770	1 447 001 154	33 207 970
1957	69 342	9 547 788	1 246 310 406	32 920 521
1958	80 370	13 673 974	1 455 392 440	43 487 535

FONTE: Produção Industrial Brasileira, 1958

(*) Estabelecimentos de cinco e mais pessoas

A produção de fios aumentou de 26,2%, entre 1955 e 1956, e sofreu, entre 1956 e 1957, uma queda de 22,0%, para depois aumentar de 16%, entre 1957 e 1958.

A produção da tecelagem aumentou 6,3%, decresceu 14,0% e aumentou 16,8%, respectivamente entre 1955/56, 1956/57 e 1957/58.

O setor de fiação e tecelagem de algodão é o setor mais importante da indústria têxtil, tanto no que diz respeito à produção física como ao valor da produção. O quadro abaixo mostra a participação deste setor na fiação e tecelagem.

QUADRO VI

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DO SETOR DE ALGODÃO

ANOS	FIAÇÃO		TECELAGEM	
	Prod.Física(%)	Valor (%)	Prod.Física(%)	Valor (%)
1955	83,5	55,9	86,4	63,5
1956	86,6	60,6	86,5	63,8
1957	82,5	53,4	88,7	64,8
1958	80,4	52,3	87,5	66,8

No quadriênio 1955/58, a posição relativa da fiação de algodão caiu, enquanto sua posição no setor de tecelagem aumentava.

O Quadro abaixo mostra a posição dos principais estados produtores nos ramos de fiação e tecelagem, em 1958.

QUADRO VII
INDÚSTRIA TÊXTIL - FIAÇÃO E TECELAGEM - 1958

	PRODUÇÃO FÍSICA		VALOR (CR\$ 1 000)	
		% s/total		% s/total
<u>FIAÇÃO (ton.)</u>				
Total	80.370	100,0	13.673.974	100,0
São Paulo	60.696	75,5	10.960.105	80,2
Santa Catarina	3.839	4,8	371.561	2,7
Rio de Janeiro	3.045	3,8	529.075	3,9
Minas Gerais	3.819	4,8	420.903	3,1
Alagoas	3.132	3,9	156.307	1,1
Rio Grande do Sul	1.870	2,3	961.653	7,0
Outros Estados	3.969	4,9	274.370	2,0
<u>TECELAGEM (m.)</u>				
Total	1.455.392.440	100,0	43.487.535	100,0
São Paulo	543.988.708	37,4	22.699.427	52,2
Minas Gerais	283.230.055	19,5	4.287.668	9,9
Rio de Janeiro	196.920.947	13,5	3.214.337	7,4
Guanabara	120.980.709	8,3	8.815.572	20,3
Outros Estados	310.272.021	21,3	4.470.531	10,3

FONTE: Produção Industrial Brasileira, 1958.

São Paulo, em 1958, liderava a produção no ramo de fiação com 75,5% do total da produção física e 80,2% do valor da produção. Os demais estados produtores de fios ficaram muito abaixo de São Paulo. Os próximos maiores produtores eram Santa Catarina e Minas Gerais, cada um com uma produção física que não chegava a 5% do total e com 2,7% e 3,1% do valor da produção, respectivamente.

No ramo de tecelagem, São Paulo colocava-se em primeiro lugar com 37,4% da produção física e 52,2% do valor da produção. A Guanabara,

com apenas 8,3% da produção física, contribuiu, todavia, com 20,3% do valor da produção. Isto se deve ao fato de ser a Guanabara um estado produtor de tecidos finos e, conseqüentemente, de alto valor.

b) Capacidade de Produção

A capacidade da indústria têxtil brasileira (em dezembro de 1960) era de 4,3 milhões de fusos e 132.000 teares, que trabalhavam de um a dois turnos, e uma boa proporção do total também trabalhava no terceiro. Do total do equipamento, mais de 90% estavam em atividade. De acordo com os setores de processamento das fibras, era a seguinte a distribuição:

QUADRO VIII

DISTRIBUIÇÃO DO EQUIPAMENTO POR FIBRAS

S E T O R	TEARES	%	FUSOS	%
Algodão.....	102 760	77,9	3 840 000	89,4
Lã.....	5 500	4,2	301 900	7,0
Fibras artificiais e sintéticas.....	17 500	13,3	60 000	1,4
Juta e fibras similares....	4 500	3,4	60 000	1,4
Linho e rami.....	1 600	1,2	33 000	0,8
Total.....	132 100	100,0	4 294 000	100,0

FONTE: CEPAL - A Indústria Têxtil no Brasil - pág. 82

c) Emprêgo

A indústria têxtil é uma das mais importantes fontes de emprêgo no setor industrial. Em todos os pontos do país onde existam estabelecimentos têxteis - especificamente de fiação e tecelagem de algodão - é grande o contingente de mão-de-obra ocupada; na classe de "Indústria de Transformação" ocupa, pela condição de grande fonte de emprêgo de mão-de-obra, o 1º lugar.

Todavia, tomando por base os dados fornecidos pelos Censos de 1950 e 1960, o resultado seria uma involução do setor como fonte de absorção de mão-de-obra, como se vê dos elementos abaixo, representando pessoal ocupado:

1950
338.035

1960
328 251

%
- 2,9

Esse decréscimo de 2,9% durante o decênio, representou uma saída média de 1.000 pessoas por ano, aproximadamente. Dentro dessa hipótese, chega-se à conclusão de que o setor têxtil teria deixado de ser fonte de absorção de mão-de-obra para se tornar, na realidade, centro de suprimento adicional de mão-de-obra para o mercado de trabalho.

Essa conclusão cresce de importância se atentarmos para o fato de que nenhum programa intensivo de reequipamento da indústria têxtil foi executado. No Centro-Sul, esse programa, formalmente, não existe. No Nordeste, na área da SUDENE, o programa de reequipamento está sendo parcialmente executado, em alguns Estados, e não existem ainda dados disponíveis para avaliar a mão-de-obra liberada em consequência do programa. De qualquer forma, a existir, realmente, o fato de liberação de mão-de-obra, por parte da indústria têxtil, atualmente, em lugar da situação de antiga fonte de absorção de emprego, é lícito presumir que decorre mais do cuidado administrativo e da organização do trabalho do que mesmo consequência do reequipamento. Aliás, a CEPAL concluiu, em estudo sobre a produtividade da indústria têxtil em alguns países latino-americanos, que a simples organização racional do trabalho ocasionaria a liberação de percentagem relativamente elevada de mão-de-obra.

A distribuição regional do emprego na indústria têxtil, nos anos de 1950 e 1960, comportou-se da seguinte forma:

QUADRO IX

PESSOAL OCUPADO E OPERÁRIOS - 1950 E 1960

REGIÃO	1 9 5 0				1 9 6 0			
	PESSOAL	% S/TOTAL	OPERÁRIOS	% S/TOTAL	PESSOAL	% S/TOTAL	OPERÁRIOS	% S/TOTAL
Norte...	858	0,3	827	0,3	1 613	0,5	1 547	0,5
Nordeste	66 154	19,7	57 867	18,8	48 284	14,7	43 273	14,6
Leste...	96 237	28,5	89 490	29,0	93 323	28,4	85 825	28,9
Sul.....	174 771	51,7	160 308	52,0	184 956	56,3	166 544	56,0
Centro-Oeste	15	0,0	9	0,0	75	0,0	65	0,0
Brasil	338 035	100,0	308 501	100,0	328 251	100,0	297 254	100,0

FONTE: Censos Industriais - 1950 e 1960

No decênio entre 1950 e 1960, a região Sul que empregava mais de 50% da mão-de-obra na indústria têxtil, teve sua participação relativa aumentada, o mesmo acontecendo com a região Norte. Neste mesmo período, o Nordeste diminuiu o nível de emprêgo enquanto a participação do Leste e do Centro-Oeste permanecia estável.

A seguir, apresentamos dados do pessoal ocupado no período 1962/64, apurados pelo Registro Industrial.

1962 365.753	1963 342.360	1964 340.218
-----------------	-----------------	-----------------

Observa-se que o número de pessoas ocupadas na indústria têxtil aumentou sensivelmente entre 1960 e 1962 (11,4%), caindo, porém, entre 1962 e 1963 (6,4%) e entre 1963 e 1964 (0,6%).

O quadro abaixo mostra a distribuição regional do emprêgo na indústria têxtil, em 1964, onde se nota a perda de posição do Nordeste.

QUADRO X
DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO EMPRÊGO - 1964

REGIÃO	PESSOAL OCUPADO	% S/TOTAL	OPERÁRIOS	% S/TOTAL
Norte.....	1.678	0,5	1.570	0,5
Nordeste(x)	46.888	13,8	43.324	13,7
Leste.....	98.264	28,9	92.748	29,4
Sul.....	192.898	56,7	177.497	56,2
Centro-Oeste.....	490	0,1	460	0,1
Brasil..	340.218	100,0	315.599	100,0

FONTE: Registro Industrial, 1964

(x) - Inclui Sergipe

Os dados do Registro Industrial incluem somente resultados para os estabelecimentos que ocupavam 5 ou mais pessoas, ao passo que os dados do Censo Industrial englobam todos os estabelecimentos existentes.

c) Concentração

Em termos do valor adicionado nos diversos ramos da indústria têxtil, o quadro abaixo mostra a concentração, por Estados, em percentagem do total.

QUADRO XI

VALOR ADICIONADO NOS DIVERSOS RAMOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL

(Em percentagem do total, por Estados)

ESTADO	PREPARAÇÃO E BENEFICIAMENTO	FIÇÃO, TE- CELAGEM E ACABAMENTO	MALHARIA E MEIAS	OUTROS	TOTAL
Guanabara.....	0,4	93,7	2,9	3,0	100,0
Minas Gerais.....	3,8	89,6	6,4	0,2	100,0
R.G.do Sul.....	2,7	87,7	5,3	4,3	100,0
Rio de Janeiro...	0,1	79,5	1,3	19,1	100,0
S.Catarina.....	0,2	70,5	21,7	7,6	100,0
São Paulo.....	5,6	84,5	7,4	2,5	100,0
Est.do Nordeste..	25,6	74,6	-	-	100,0
Outros.....	48,7	47,3	1,2	2,8	100,0
Total.....	7,3	83,3	6,0	3,4	100,0

FONTE: IBGE - Produção Industrial Brasileira, 1958

Nota-se uma acentuada participação relativa do ramo de fiação, tecelagem e acabamento em todos os Estados, praticamente nivelando quase todos êstes, o que vem demonstrar a importância dêsse ramo dentro da sua economia industrial têxtil. Os ramos de preparação e beneficiamento, malharia e meias e outros têm menor significação na economia têxtil dos Estados, em geral. Sobressai, todavia, a participação de Santa Catarina no ramo de malharia e meias, vindo, logo a seguir, São Paulo e Minas Gerais, com 7,4% e 6,4%, respectivamente. Em "outros", vem à frente o Estado do Rio de Janeiro, com 19,1%, seguido do de Santa Catarina, com 7,6% do total.

3 - CONCLUSÕES

1. Instalada em princípios do século, a indústria têxtil mantém, ainda hoje, uma estrutura material de produção e métodos de administração que não correspondem às condições atuais.

2. É a mais importante fonte de emprego industrial, ocupando cerca de 18% (dezoito por cento) do pessoal existente na indústria de transformação, com aproximadamente 13% (treze por cento) dos salários e vencimentos pagos, em 1964.

3. O parque têxtil brasileiro, em 1960, dispunha de 132,1 mil teares e 4,294 milhões de fusos, dos quais o setor de algodão contava com 78% (setenta e oito por cento) e 90% (noventa por cento), respectivamente.

4. Apesar da antiguidade de seu parque e da obsolescência de equipamento registrado no estudo da CEPAL, o setor têxtil brasileiro importou cerca de 72,5% do total necessário para o seu reequipamento, no período 1960/64, do material estrangeiro, o que representa um grande esforço de atualização técnica.

5. Em termos de equipamento nacional, todavia, o financiamento não tem acelerado o desenvolvimento do programa de reequipamento das empresas: foram financiados apenas cerca de Cr\$ 10,341 bilhões dentro de um programa que se elevaria a aproximadamente Cr\$ 282,7 bilhões.

6. Do ponto de **vista** de capital de trabalho, o setor têxtil recebeu, através da Carteira de Crédito Geral (CREGE), do **Banco do Brasil**, uma média de 20% (vinte por cento) do total concedido ao setor industrial como um todo.

7. Estudos feitos pela Fundação **Getúlio Vargas**, com base nos balanços de 201 empresas têxteis no biênio 1962/63, mostram que foi grande o esforço de autofinanciamento do setor através da reinversão de lucros, que subiu, de 80,2%, em 1962, para 88,2%, em 1963.

8. O consumo interno vem-se mantendo praticamente estacionário 4,2kg - em 1950, e 4,4kg em 1960 - tudo indicando involução do consumo no período 1960/65, especialmente a partir de 1963.

9. Em níveis inexpressivos até recentemente, a exportação de produtos têxteis evoluiu, todavia, a partir de 1962, com US\$ 1,2 milhão

de dólares, passando a US\$ 2 milhões, em 1963, para alcançar US\$ 6,4 milhões, em 1964, e atingir, em 1965, cêrca de US\$ 12,7 milhões.

10. Em geral, a matéria-prima processada pela indústria têxtil é de boa qualidade. O algodão, todavia, apresenta restrições à qualidade por fatores, tais como: classificação inadequada, reunindo partidas heterogêneas, com fibras de diversos comprimentos e limpeza abaixo do padrão, além de fibras estranhas que ocasionam queda de eficiência e de produtividade da fiação, aumentando o desperdício e piorando a qualidade do fio.

11. A mão-de-obra, em geral, carece de aperfeiçoamento. O nível de supervisão (mestres e contramestres) apresenta-se deficiente, o mesmo acontecendo com a de operação. O nível de administração carece de assistência técnica, para reorganizar a empresa, em sua grande maioria.

12. Pelos problemas específicos, (mercado, produção, mão-de-obra, elevadas imobilizações etc.), o setor têxtil, além de assistência financeira necessita de assistência técnica que, integrada com a primeira, torne mais efetivo os financiamentos que recebe.

13. As condições em que ainda se encontra o setor têxtil mostram que os incentivos até agora postos à sua disposição não se tornaram efetivos, precisando ser revisto o conjunto.